



Project 2020-1-DE01-KA226-HE-005742



# CoMMITTEd

**Covid, Migrantes e Minorias na Formação de Professores: Um Observatório de Notícias Falsas para promover o Pensamento Crítico e a Literacia Digital em Tempos de Crise.**

**Livro digital para professores e formadores de professores**

**Autores:**

Araújo e Sá, M. H. (Coord.); Gerwers, F. (Coord.); Gintsburg, S. (Coord.) & Spotti, M. (Coord.); Ambrósio, S.; Breeze, R.; Brinkmann, L.; Dedecek Gertz, H.; De Rooter, J. J.; Garde, E.; Gerns, P.; Gonçalves, M.; Lucas, M.; Martins, F.; McMonagle, S.; Melo-Pfeifer, S.; Oliveira, L. S.; Senos, S.; Simões, A.R.; Teixeira, M. & Torres, R.

**Design:** Criamagin

**Edição**

UA Editora

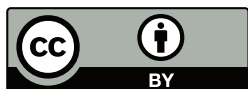
Universidade de Aveiro

**1ª edição** - fevereiro 2023

**ISBN:** 978-972-789-842-8

**DOI:** <https://doi.org/10.48528/jbw5-0807>

**URL:** <https://committedobservatory.eu/pt/pt-home/>



Estes recursos estão licenciados sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution 4.0.



O CoMMITTEd é um projeto cofinanciado pela União Europeia ao abrigo do Programa Erasmus+. O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui uma aprovação do conteúdo, o qual reflete apenas as opiniões dos autores, não podendo a Comissão ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito da informação nela contida.



# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO AO CoMMITTEd</b> .....	04
1.1 Alguns dos elementos-chave de um problema (pedagógico).....	04
1.2 O que é o CoMMITTEd?.....	05
1.3 De que trata este livro digital?.....	08
<b>2. FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO, FAKE NEWS PARA A EDUCAÇÃO</b> .....	09
2.1 O que são Fake News?.....	09
2.2 Como podemos abordar as Fake News em Educação?.....	12
<b>3. O OBSERVATÓRIO DE FAKE NEWS</b> .....	18
3.1 Organização.....	18
3.2 Conteúdo.....	21
3.3 Sugestões de utilização .....	23
3.3.1 Utilização do Observatório em disciplinas específicas e em todo o currículo.....	24
3.3.2 Utilização do Observatório em programas de formação de professores.....	26
<b>4. OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	31
4.1 “The Nature of Fake News: Past and Present Tendencies”.....	31
4.2 Os módulos digitais interativos.....	35
4.2.1 Estrutura e organização.....	35
4.2.2 Conteúdo.....	36
Módulo digital “Desenvolvimento da competência intercultural através da análise de Fake News sobre migrantes e minorias”	
Módulo digital “Da deteção das Fake News ao seu uso enquanto ferramenta pedagógica, em contexto escolar: enfoque no desenvolvimento da competência intercultural”	
4.3 Sugestões de utilização.....	44
4.3.1 Como módulos digitais de autoformação.....	44
Formação inicial de professores	
Formação de professores em serviço	
4.3.2 Como parte de um programa de formação de professores.....	45
Formação inicial de professores	
Formação de professores em serviço	
Formação de professores em contexto de pós-graduação	
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	48
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>7. GLOSSÁRIO</b> .....	52

## 1.1 ALGUNS DOS ELEMENTOS-CHAVE DE UM PROBLEMA (PEDAGÓGICO)

As Fake News (daqui em diante referidas como FN) não são um fenómeno recente, nem tampouco um fenómeno ao qual só as pessoas com níveis mais baixos de educação formal sejam mais suscetíveis.

As Fake News (daqui em diante referidas como FN) não são um fenómeno recente, nem tampouco um fenómeno ao qual só as pessoas com níveis mais baixos de educação formal sejam mais suscetíveis. De igual modo, quase nunca são sobre algo totalmente falso, nem pertencem sempre ao género textual das notícias. Na verdade, o que torna as FN tão complexas é precisamente a mistura de factos e falácias que lhes estão subjacentes, bem como a forma como são servidas num cocktail de estímulos emocionais (típico dos géneros discursivos não-factuais) e estratégias de **gaslighting**. A sua rápida circulação online e o alcance que a internet lhes proporciona tornaram-nas num fenómeno recorrente, hoje em dia. Como referido por Ang, Anwar e Jayakumar, “scale, size and speed are core elements of the problem” (2021, p. 9).

Em tempos de crise, controvérsias e pandemias, o público está mais propenso e suscetível a acreditar em FN. Ainda mais se, naquilo em que já tende a acreditar, estiverem embutidos factos e narrativas falsas. Significa isto que as ideologias, assim como os aspetos cognitivos e emocionais, têm influência sobre se acreditamos ou não naquilo que lemos, ouvimos e/ou vemos. De facto, hoje em dia, qualquer declaração controversa, com uma imagem cativante e um hashtag provocador, pode ser reutilizada por aqueles que partilham as emoções por detrás da publicação, tornando-se viral quase imediatamente (Breeze & Gintsburg, no prelo).

A pandemia provocada pela COVID-19 foi o gatilho do projeto CoMMITTEd e o seu nome reflete isso mesmo: “Covid, Migrantes e Minorias na Formação de Professores: Um Observatório de Notícias Falsas para promover o Pensamento Crítico e a Literacia Digital em Tempos de Crise” (URL: <https://committedobservatory.eu/pt/pt-home/>). A equipa internacional do projeto começou a descortinar uma ligação problemática, que circulava na imprensa (online e impressa) e nos meios de comunicação social, que ligava as origens e a propagação do vírus SARS-CoV-2 a diferentes grupos étnicos ou sociais, geralmente correspondentes a migrantes e minorias. É importante salientar que este fenómeno não era específico de cada país (sendo Alemanha, Espanha, Países Baixos e Portugal os representados na equipa). Ao contrário, de alguma forma, encaixava-se nas narrativas mais ou menos racistas e tendenciosas que já estavam em circulação em cada um deles. Tais FN relacionavam-se com, alimentavam e eram alimentadas por narrativas nacionais sobre grupos minoritários, tornando-as credíveis e até apetecíveis para o público em geral, que estava inseguro e desesperadamente preso em casa durante os períodos de confinamento e era particularmente vulnerável aos efeitos de um **yellow journalism** generalizado.

A pandemia trouxe, pelo menos, duas fases de FN. A primeira está relacionada com as origens da pandemia (lembra-se do “vírus chinês”?) e coloca alguns grupos étnicos no centro de revoltas coletivas e ataques maliciosos.

A nomenclatura atribuída às variantes do SARS-CoV-2 (lembra-se da variante sul-africana, brasileira ou britânica?) ajudou a difundir a ideia de que algumas pessoas eram mais propensas a propagar o vírus causador da pandemia ou até que estavam ativamente envolvidas nessa disseminação. Assim, encontrar os culpados ou arranjar bodes expiatórios tornou-se quase tão importante como curar as vítimas e encontrar uma cura. A segunda fase de FN, por sua vez, envolveu potenciais terapias (que passavam por tratamentos com hidroxicloroquina, ingestão de lixívia e outras possibilidades perigosas, para dizer o mínimo). Após esta etapa e quando finalmente se começou a vislumbrar a possibilidade de uma cura, por intermédio das vacinas, foram criadas e divulgadas novas FN sobre os seus possíveis criadores, agendas e efeitos.

As FN em relação às vacinas multiplicaram-se: para aqueles que não acreditavam no poder curativo das vacinas, era veiculada a ideia de que os seus criadores pertenciam a grupos maléficos, dentro de uma cabala internacional, que queriam conquistar o mundo e causar danos permanentes à maioria da população mundial (Breeze, 2021); para aqueles que acreditavam nas vacinas e nos seus benefícios, vincava-se a narrativa de que alguns grupos étnicos e religiosos, mais cépticos em relação à inoculação, se recusavam a ser vacinados e, conseqüentemente, colocavam o resto da população em perigo. Para além disso, dentro deste último grupo, ou seja, os entusiastas apoiantes da vacinação, circulavam numerosas publicações alegando que as autoridades estavam a vacinar primeiro os migrantes e os membros de minorias religiosas e étnicas, discriminando, assim, as populações locais (Breeze & Gintsburg, em publicação).

## 1.2 O QUE É O COMMITTEd?

No contexto em que as fontes de suposta informação se multiplicam e na era da **pós-verdade** e do jornalismo cidadão, que nada mais precisa do que uma conta não verificada numa rede social,

Alguma vez se questionou se tem conhecimentos e capacidades para identificar FN? Alguma vez se deixou levar por uma teoria de **conspiração**? Alguma vez pensou nas capacidades que possui para sensibilizar os outros para o fenómeno das FN?

Acha que as FN devem ser discutidas na escola, tanto em disciplinas específicas como em todo o currículo? Está preocupado com o desenvolvimento de competências relacionadas com a introdução de FN sobre questões fraturantes e problemáticas nas suas aulas?

o projeto CoMMITTEd comprometeu-se com estas necessidades profissionais e desenvolveu recursos para ajudar os professores a lidar com elas. Isto implicou mergulhar no insidioso mundo das FN, elaborar estudos de caso aprofundados, desenvolver investigação com estudantes e professores nos quatro países parceiros (Alemanha, Espanha, Países Baixos e Portugal) e interpretar/desconstruir a linguagem (e outros recursos comunicativos) utilizada para analisar FN e outros fenómenos relacionados (por exemplo, já ouviu falar de **astroturfing** ou **gaslighting**?).

O projeto CoMMITTEd foi desenvolvido com o objetivo explícito de combater a culpabilização dos migrantes e das minorias pelos problemas sociais, educacionais, económicos e de saúde.

A sua finalidade é proporcionar, aos professores e formandos, ferramentas para impedir ou limitar a propagação de FN e de discursos de ódio. Estes últimos, em particular, têm sido muito proeminentes, especialmente com a utilização mais ampla das redes sociais e dos meios de comunicação social, multiplicando-se através de recursos multimédia. As referidas ferramentas para professores e formandos pretendem desenvolver o seu pensamento crítico e a sua literacia mediática, visual e digital (entre outras, ver tabelas 1 e 2), que são necessárias para, criticamente, ler, interpretar e se envolver com textos (multimodais), em contextos analógicos e digitais.

Com os recursos criados, pelo projeto CoMMITTEd, queremos promover o pensamento crítico de professores e formandos, enriquecendo as suas capacidades de análise crítica (multimodal) do discurso e reforçando as suas competências de ensino digital. Para atingir este objetivo, a equipa multidisciplinar do projeto CoMMITTEd desenvolveu três recursos:

- **O Observatório CoMMITTEd de Notícias Falsas** (mais detalhes na secção 3), uma base de dados com exemplos de itens de desinformação que relacionam migrantes e minorias com a pandemia provocada pela COVID-19. Estes exemplos foram analisados e desconstruídos de maneira a criar recursos pedagógicos que os professores possam utilizar para o desenvolvimento do pensamento crítico e de competências (multimodais) de análise do discurso.
- **Dois módulos digitais de formação de professores online** (mais detalhes na secção 4), acompanhados por um recurso introdutório sobre o fenómeno das FN, que podem ser integrados em diversos contextos educativos, quer para os professores implementarem com os seus alunos, quer para os formadores de professores utilizarem na formação para a docência (inicial, avançada ou contínua). O primeiro módulo, “Desenvolvimento da competência intercultural através da análise de Fake News sobre migrantes e minorias”, centra-se nas competências de interpretação e de relação com a alteridade. O segundo módulo, “Da deteção das Fake News ao seu uso enquanto ferramenta pedagógica, em contexto escolar: enfoque no desenvolvimento da competência intercultural”, explora o potencial pedagógico das FN e aborda o desenvolvimento da competência intercultural como uma competência chave para lidar com a alterização.
- **Este livro digital pedagógico**, que compila informações e ideias sobre como utilizar os recursos anteriormente nomeados, tanto na escola, como em programas de formação de professores, e que inclui também um glossário de termos/conceitos fundamentais.

Com estes recursos, o projeto CoMMITTEd promove um tratamento mais consciente da informação, uma utilização mais responsável das tecnologias digitais, assim como do que estas implicam, e promove, ainda, competências de pensamento crítico, que entendemos como cruciais para a aprendizagem ao longo da vida.

Apesar da necessidade óbvia de abordar a desinformação e as FN na educação, existem ainda muito poucos recursos especificamente concebidos para fins pedagógicos e para a formação de professores (como exceções poderíamos, no entanto, nomear, por exemplo, Digital learning lab ou Klicksafe)<sup>1</sup>. Em termos teóricos e académicos, algumas publicações já estão a abordar questões como “education in the age of misinformation” (Parker, no prelo) e a refletir sobre como transformar desinformação num recurso pedagógico (Melo-Pfeifer & Dedecek Gertz, 2022). A equipa CoMMITTEd não tem a pretensão de que os recursos por si criados forneçam respostas para todos os potenciais problemas associados à criação, circulação e consumo de FN, ou que deem uma única resposta à questão de como as abordar num contexto educativo.

O principal objetivo, tendo em conta o tema do projeto CoMMITTEd, é o desenvolvimento de capacidades críticas de leitura e interpretação de FN relacionadas com minorias e migrantes e a promoção da competência intercultural (Byram, 1997).



Por competência intercultural, entendemos o conjunto de atitudes, conhecimentos e capacidades de que um indivíduo necessita para participar em encontros entre pessoas que se identificam, ou são identificadas, como integrantes de determinados e diferentes grupos. Os recursos produzidos no âmbito do quadro de referência do projeto CoMMITTEd centram-se na capacidade de questionar criticamente, com base em estratégias específicas de descodificação discursiva e multimodal, aquilo que é vulgarmente referido como FN. Estas capacidades de interpretação e de relacionamento devem,

neste sentido, ser trabalhadas em contextos educativos, onde os professores são (ou serão) chamados a agir no sentido de criar uma sociedade mais justa e igualitária, em que os discursos de ódio encontrem menos repercussão.

<sup>1</sup><https://digitalllearninglab.de/>

<sup>2</sup><https://www.klicksafe.de/desinformation-und-meinung>

### 1.3 DE QUE TRATA ESTE LIVRO DIGITAL?

Este livro digital pedagógico, embora não abranja todas as questões relacionadas com o desenvolvimento de competências docentes para lidar com FN, foi concebido como um recurso prático para professores (em formação inicial, avançada ou em serviço) e formadores de professores, abordando possíveis formas de integrar a discussão sobre as FN na sua prática docente. Apresenta princípios teóricos orientados para a prática, relacionados com a análise crítica (multimodal) do discurso e a sua implementação em sala de aula, bem como itinerários de formação de professores.

Assim sendo, este livro digital pedagógico inclui:

- uma apresentação do projeto, dos seus pressupostos teóricos e do material empírico criado, nomeadamente sobre formas de identificar FN na imprensa e nos meios de comunicação social digitais e meios de as transformar em recursos pedagógicos;
- diretrizes sobre como utilizar (e possivelmente alimentar) o Observatório pedagógico de Fake News, mais concretamente possibilidades de uso em sala de aula e em atividades de formação de professores;
- dicas e sugestões para a utilização do Observatório pedagógico de Fake News em disciplinas de todo o currículo, principalmente no ensino secundário;
- orientações para utilizar os dois módulos digitais produzidos (“Desenvolvimento da competência intercultural através da análise de Fake News sobre migrantes e minorias” e “Da deteção das Fake News ao seu uso enquanto ferramenta pedagógica, em contexto escolar: enfoque no desenvolvimento da competência intercultural”), tanto enquanto utilizadores independentes ou institucionais, como em programas de formação de professores (em formação inicial, avançada e contínua ou em serviço); e
- um glossário, com termos e conceitos-chave que definem o projeto e os seus resultados, os quais foram considerados importantes para professores e formadores de professores.







# FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO, FAKE NEWS PARA A EDUCAÇÃO

## 2.1 O QUE SÃO FAKE NEWS?

Manipular e mentir não são fenômenos novos na comunicação na esfera pública. Muito tempo antes de todos conhecerem o termo “Fake News”, analistas sociais como Walter Lippmann, nos anos 20, ou Edward S. Herman e Noam Chomsky, trabalhando juntos nos anos 80, estudaram a forma como a imprensa funcionava dentro de uma lógica de “consentimento fabricado”. No entanto, tinham opiniões diferentes. Para Lippmann, o consentimento fabricado era um objetivo legítimo do jornalismo. O autor defendia que as pessoas eram atreitas a serem irracionais e, por conseguinte, o jornalismo tinha o dever de gerir aquilo a que chamava de “opinião pública”. Embora esta posição revele que considerava os seus concidadãos americanos como não particularmente inteligentes, a sua principal preocupação era legítima: manter o funcionamento da democracia. Apesar de Lippmann estar consciente do problema da estereotipização de grupos de pessoas, a sua posição sobre a “opinião pública” pressupunha que a população, no geral, era incapaz de um pensamento crítico adequado e o jornalismo deveria orientar o seu pensamento.

Mais tarde, analisando o panorama dos media nos EUA, a partir de uma perspetiva crítica, Herman e Chomsky salientaram que, nos anos 80, o jornalismo trabalhou no sentido de promover uma visão positiva das políticas governamentais. Afirmaram que os meios de comunicação social negavam ao público o acesso a perspetivas críticas, fabricando, assim, um consentimento a favor das posições do governo e das opiniões hegemónicas dos estratos sociais ricos. Esta era a ideia central do “modelo de propaganda” dos meios de comunicação de massas. Por outras palavras, o dever do jornalismo de manter uma democracia funcional era impossível, uma vez que o que estava a ser publicado e transmitido eram apenas posições unilaterais. Hoje em dia, a Internet facilita a circulação de posições críticas e de perspetivas estabelecidas, o que pode acontecer, tanto na linha do que Herman e Chomsky recomendaram (a circulação de opiniões críticas), como de uma forma disruptiva, que não contribui nem para manter, nem para melhorar a democracia.

Atualmente, consideramos que aquilo de que estes autores falavam se pode designar por “desordem informacional” (information disorder). Podemos defini-la como atividades e processos relacionados com a criação, partilha e consumo de informação distorcida, tendenciosa ou completamente falsa. Nesse sentido, pode assumir formatos diferentes. Quando Herman e Chomsky escreviam sobre o assunto, por exemplo, uma preocupação era a “propaganda” nos meios de comunicação de massas, sob a forma de jornalismo impresso, rádio FM/AM e canais de televisão tradicionais. Hoje em dia, uma grande preocupação são as FN que circulam em plataformas de meios de comunicação social, como o Twitter, Facebook, ou outros.

Em 2017, Claire Wardle e Hossein Derakhshan sugerem-nos que utilizemos categorias mais amplas e abstratas para descrever estes dois exemplos. Utilizando conceitos abstratos, baseados em exemplos concretos, podemos captar a complexidade do fenómeno da “desordem informacional” - o que também torna mais fácil a sua identificação nos seus diferentes formatos. Wardle e Derakhshan (2017) propõem a existência de três categorias de “desordem informacional”<sup>3</sup>:

- **Misinformation**, quando informação falsa é partilhada sem a intenção de causar danos;
- **Disinformation**, quando informação falsa é conscientemente partilhada para causar danos;
- **Malinformation**, quando informação genuína é partilhada com o intuito de causar danos, muitas vezes recorrendo a informação que era destinada a permanecer privada, tornando-a pública.

<sup>3</sup> Ver página 5 do relatório de Wardle e Derakhshan “Information Disorder”: Towards an Interdisciplinary Framework for Research and Policy-Making”, publicado pelo Conselho da Europa em 2017. Disponível em <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>

Um exemplo de misinformation podem ser as notícias de última hora de um acontecimento extraordinário: por vezes, enquanto as causas e consequências do acontecimento ainda não são claras ou estão a ser apuradas, os jornalistas podem transmitir informações que se revelam inexatas à medida que a situação evolui. Um exemplo de disinformation é quando uma figura pública *tweeta* que “os migrantes causam COVID” e tenta ilustrar isso com um gráfico manipulado, que mostra estatísticas falsas a justificar a sua afirmação. O Observatório de Fake News, criado no âmbito do CoMMITTEd, apresenta exemplos concretos como este. Finalmente, um exemplo de malinformation pode ser visto no caso de *hackeamento* e fuga de informação relativos a uma verdadeira troca de e-mails entre cientistas que trabalham sobre as questões do clima. Os hackers, que também negavam as alterações climáticas causadas pelo Homem, descontextualizaram os e-mails e tornaram-nos públicos para tentar caracterizar a investigação climática como fraude.

Outros investigadores chamaram à informação falsa, apresentada como notícia, “manipulação dos média” (por exemplo, Alice Marwick e Rebecca Lewis, em 2017) ou “guerra de informação” (por exemplo, Irina Khaldarova e Mervi Pantti, em 2016). Nos últimos anos, tem havido uma tendência para a utilização do termo FN para todas estas categorias, o que facilita a compreensão do tema em discussão (razão pela qual decidimos utilizar este termo no nosso projeto). Contudo, a simplicidade e a objetividade deste termo têm também o seu revés, pois podem fazer com que o fenómeno pareça menos complexo do que realmente é. Antes de mais e acima de tudo, importa salientar que tal se deve à associação das FN a informações fabricadas, completamente falsas, mas não a informações que possam ser factualmente exatas. Na realidade, como acima exemplificamos, nem sempre é este o caso - alguns itens de FN podem basear-se em factos reais, que foram exagerados ou apresentados como absolutos (como “nenhum dos migrantes é vacinado”), outros em factos retirados do contexto e há alguns, ainda, que são mal compreendidos. Claro que há sempre um conjunto de itens que são completamente falsos (por exemplo, “estão a ser instalados microchips nas pessoas através de vacinas”). Outras críticas dos investigadores dos média prendem-se, por um lado, com a apropriação do termo FN levada a cabo por figuras públicas disruptivas para alimentar discursos de ódio e, por outro lado, com a própria constituição da expressão, que representa uma contradição de base: se algo é considerado falso (*fake*), não pode ser associado a “notícias” (*news*). No âmbito do projeto CoMMITTEd, usamos o termo FN para nos referirmos a conteúdos mediáticos que podem assumir qualquer uma das três naturezas anteriormente mencionadas (*mis-*, *dis-* ou *mal-information*). Para além disso, referimo-nos ao que é publicado não só em plataformas de meios de comunicação social, mas também em formato de texto. Por conseguinte, estamos a considerar todo o tipo de fontes (desde fontes jornalísticas estabelecidas a websites não fidedignos) e todo o tipo de formatos (desde apenas texto a vídeos, por exemplo).

Vimos que a preocupação com a “desordem informacional” não é nova. De facto, as teorias da conspiração e as campanhas com o objetivo de manchar a reputação e provocar divergências são provavelmente tão antigas como a história da humanidade. É por isso que talvez o aspeto mais interessante para nós, como investigadores e educadores, quando se trata do que circula hoje em dia online, não sejam os formatos e conteúdos das FN, mas as razões por detrás delas. Compreender quem cria uma determinada FN pode ajudar-nos a compreender as



razões pelas quais ela é criada. Nos anos 80, Herman e Chomsky apontaram os meios de comunicação de massas como atores que estavam a manipular o discurso público no sentido de consentir com as políticas do governo dos EUA. Seguindo a descrição de Wardle e Derakhshan (2017), o jornalismo tradicional que constitui os meios de comunicação de massas não está livre de “desordem informacional”. Seguindo essa lógica, as preocupações de Herman e Chomsky ainda fazem sentido, contudo, em 2017, os investigadores dos média, Alice Marwick e Rebecca Lewis, sugeriram que redirecionássemos a atenção da imprensa tradicional para os novos atores que ganharam poder online - e que não são tão facilmente identificáveis. Marwick e Lewis (2017) sublinham o papel dos movimentos políticos popularmente designados por “direita alternativa”. À semelhança do que fizeram investigadores anteriores nesta área, afirmam que os atores destes movimentos também estão a manipular os meios de comunicação social. Fazem-no através da partilha de conteúdos que são claramente fabricados, mas vestidos com uma roupagem que transmite a ideia de notícias verídicas: podem ter características de

design semelhantes às encontradas num website de notícias tradicional e algumas partes do conteúdo podem ser, provavelmente, baseadas em factos - no entanto, os argumentos que deles são retirados são distorcidos, ou simplesmente falsos. De acordo com Marwick e Lewis (2017), entre estes atores não estão apenas idealistas da “direita alternativa” (como por exemplo Richard Spencer e Milo Yiannopolous, que produzem conteúdos que alimentam a “desordem informacional”), mas também cidadãos comuns que partilham mensagens contendo FN ou teorias conspiratórias nas redes sociais, por exemplo. Este fenómeno, que foi sobretudo identificado em atores da direita política, pode, contudo, ser encontrado em todo o espectro político.

Vimos que a “desordem informacional”, como as FN, não é um fenómeno novo, mas o aumento do acesso aos meios digitais alimentou-o e evidenciou-o. Ligadas ao ritmo acelerado da Internet, as FN apelam a sentimentos extremos, como o ódio e a indignação, criando, assim, um ambiente propício a suscitar respostas (emocionais) rápidas - que nem sempre são refletidas. Por conta destas características, podemos ser levados a partilhar FN inadvertidamente. Mesmo que pensemos que isso é algo que só os atores da “direita alternativa” fariam, estamos todos sujeitos a reagir rapidamente quando em nós são suscitados fortes sentimentos e emoções.

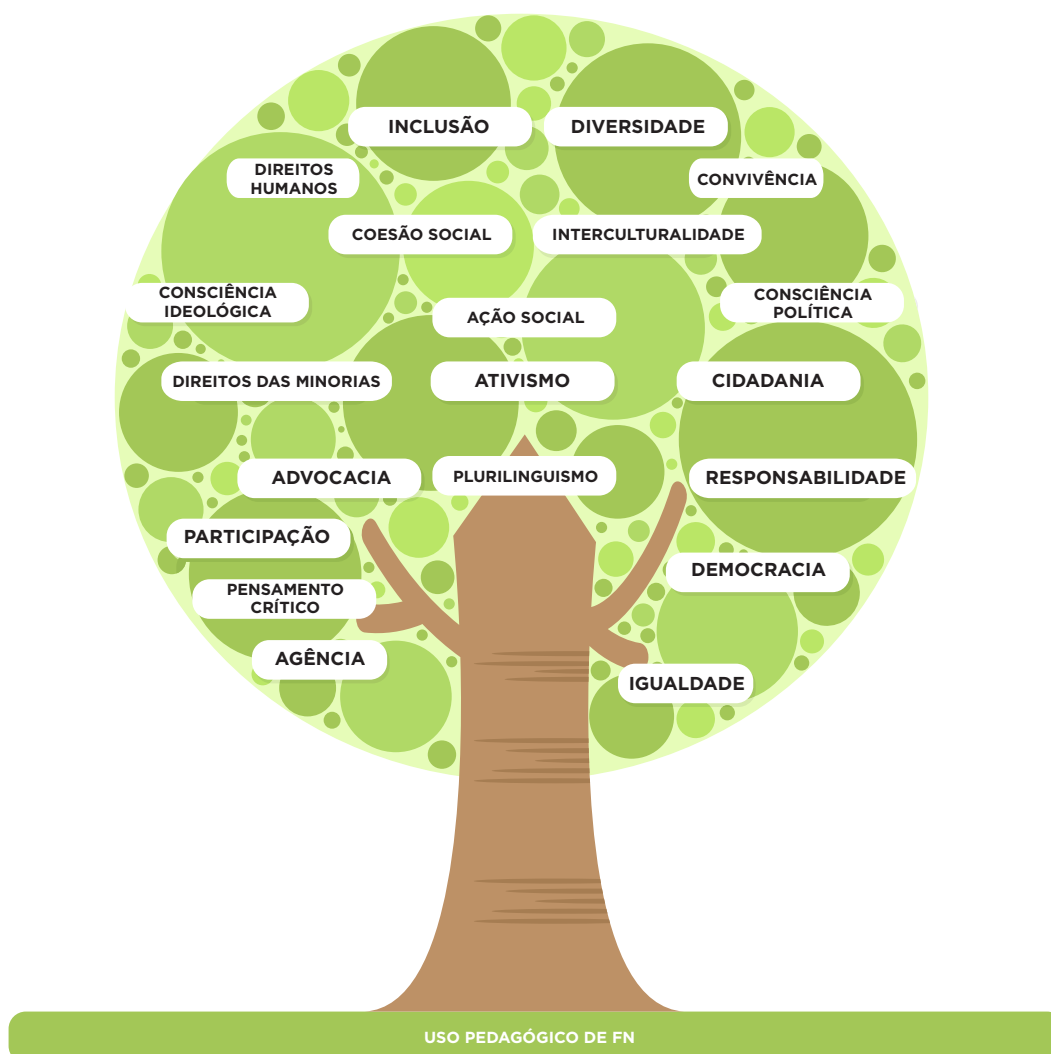
Isso é ainda mais provável, quando pensamos que as reações de que falamos podem ser tão rápidas como colocar um gosto ou efetuar a partilha de algo nas redes sociais. Um antídoto para evitar esta impulsividade instantânea

é a (auto)reflexão. Quando uma publicação no Twitter (ou noutra rede social) nos desencadeia emoções extremas, antes de fazer qualquer coisa, devemos, por exemplo, verificar as fontes dessa publicação e ler o conteúdo minuciosa e criticamente, procurando de que forma(s) o texto ou a imagem retratam grupos que são sistematicamente desfavorecidos (tais como grupos étnicos ou religiosos específicos, ou migrantes). Se alguma coisa parecer incitar o ódio ou ser simplesmente estranha, outra fonte deve ser consultada. Estes passos concretos são bastante fáceis de seguir, mas requerem algum nível de autorreflexão, uma vez que temos primeiro de ser capazes de reconhecer que o conteúdo a que estamos a aceder está a desencadear sentimentos extremos. Devido ao seu estágio de desenvolvimento, os jovens podem ser um grupo particularmente vulnerável e ter dificuldades em controlar estes sentimentos. É aqui que as escolas e os professores podem contribuir para enfrentar o problema da “desordem informacional”. Tendo em conta, tanto as características que nos ajudam a identificar FN, como a sua componente emocional, este livro digital oferece, aos profissionais da educação, ideias para incorporar as FN na prática docente, sob a forma de ferramentas pedagógicas.

## 2.2 COMO PODEMOS ABORDAR AS FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO?

Como vimos, as FN não são um fenómeno novo, mas consubstanciam-se como omnipresentes, insidiosas e difíceis de apreender. Se pensarmos particularmente nas FN que relacionam a pandemia provocada pela COVID-19 com migrantes e minorias (e poderíamos generalizar este raciocínio a outras FN), elas são também ideológica e politicamente motivadas, lançando deliberadamente dúvidas e suspeitas sobre esses grupos. Consequentemente, revelam-se um objeto pedagógico complexo, que pode ser visto de diferentes perspetivas. Isto significa que não existe uma única e melhor forma de abordar as FN pedagogicamente, assim como não existe apenas um método ou abordagem para o fazer. No entanto, é geralmente aceite que os professores devem desenvolver competências pedagógicas para lidar com FN e que têm de se certificar de que os alunos compreendem por que é que uma notícia específica é uma FN, para evitar efeitos de “backfire”.

Lidar com FN sobre migrantes e minorias enquanto objeto ou recurso pedagógico, todavia, implica refletir sobre para que tipo de sociedade, escolas e educação queremos contribuir. A figura 1 apresenta alguns dos princípios e valores que a utilização pedagógica de FN sobre minorias e migrantes pode propiciar e desenvolver.



**Figura 1.** Promoção de valores e princípios através da utilização pedagógica de FN

Para identificar FN e poder lê-las de forma crítica, são necessárias várias literacias (por vezes também abarcadas pela nomenclatura “competências” e “capacidades”), a maioria das quais já está integrada nos currículos da Europa e de outras partes do mundo.

Estas literacias facilitam a compreensão das FN, devido às suas complexidade, multimodalidade e, ainda, à variedade de temas que podem abranger.

No Quadro 1 elencam-se algumas daquelas que se encontram referidas na literatura, fornecendo também sugestões para leituras complementares. Todas elas poderiam ser complementadas com o adjetivo “críticas” (e basilares!), devido à forma como são chamadas a lidar com problemas sociais, tais como a falta de equidade, de justiça social e de participação. Os professores de várias disciplinas escolares, que abordam ou queiram abordar as FN nas suas aulas, ou que estudam os seus mecanismos de produção, circulação e consumo, poderão estar interessados em focar algumas das questões incluídas na coluna Descrição.

Literacias	Descrição	Por exemplo...
Literacia algorítmica	Consiste no conhecimento de ferramentas, aplicações, plataformas e serviços online utilizam algoritmos para encontrar padrões e ligações nos dados, os quais podem ser utilizados para interações homem-máquina. Importa, ainda, que os utilizadores sejam capazes de avaliar criticamente a tomada de decisões algorítmicas e de desenvolver estratégias específicas para lidar com elas. Leva os estudantes a consciencializarem-se sobre como os algoritmos criam e alimentam “câmaras de ressonância” e “bolhas”, basicamente com base em respostas emocionais (colocar um ‘gosto’, ‘seguir’ alguém etc.).	Dogrue et al. (2021a) Dogruel (2021b)
Literacia de inteligência artificial	Implica competências, tanto na dimensão humana como tecnológica, de inteligência artificial, a um nível adequado ao indivíduo (ou seja, de acordo com a sua idade e os seus interesses). A dimensão tecnológica da inteligência artificial compreende o seu funcionamento (as técnicas e as tecnologias) e a dimensão humana, referindo-se esta ao seu impacto nas pessoas (na cognição humana, privacidade, agência e assim por diante).	Holmes et al. (2019) Holmes et al. (2022)
Literacia de dados	A literacia de dados é um conjunto de competências específicas e uma base de conhecimentos que capacitam os indivíduos para transformar dados em informação e em conhecimento acionável, possibilitando-lhes aceder, interpretar, avaliar criticamente, gerir e utilizar eticamente esses mesmos dados.	Koltay (2017)

Literacias	Descrição	Por exemplo...
Literacia digital	<p>A literacia digital é a capacidade de utilizar tecnologias para encontrar, avaliar, criar e comunicar informação. De acordo com a Comissão Europeia (2019), que utiliza o termo “competência digital”, esta literacia engloba a utilização confiante, crítica e responsável das tecnologias digitais, bem como o envolvimento com elas, para a aprendizagem, para o trabalho e para a participação na sociedade. Inclui literacia de informação e dados, comunicação e colaboração, literacia mediática, criação de conteúdos digitais (incluindo programação), segurança (incluindo bem-estar digital e competências relacionadas com cibersegurança), questões relacionadas com a propriedade intelectual, resolução de problemas e pensamento crítico.</p> <p>Com base na tradição de investigação dos New Literacy Studies, bem como no conceito de “multiliteracias” (Cope &amp; Kalantzys, 1996; 2009), o entendimento contemporâneo da literacia digital subscreve uma abordagem mais baseada no utilizador, introduzindo a figura do “prosumer”, em vez de se ater à figura do “consumidor” da literacia, afastando-se assim do consumo directo de um produto de literacia (ver Belshaw, 2016).</p>	<p>Belshaw (2016)</p> <p>Cope &amp; Kalantzys (2009)</p> <p>Comissão Europeia (2019)</p> <p>New London Group (1996)</p>
Competência discursiva	<p>Este conceito vai além da capacidade de utilizar linguagem, incluindo também as competências de separar factos de ficção, de separar possibilidade de implausibilidade e de reconhecer funções polissémicas e estilísticas da linguagem, estratégias retóricas e vozes múltiplas no discurso. Em termos de lidar com FN, refere-se à capacidade de as analisar como um discurso e desmantelá-las, nomeadamente, através da construção de contra-discursos válidos.</p>	<p>Musolff, Breeze, Kondo, &amp; Vilar-Lluch (2022)</p> <p>Wodak (2021)</p>
Literacia da informação	<p>Conjunto de capacidades que exige dos indivíduos a capacidade de reconhecer quando e porquê precisam de (mais) informação, e de localizar, avaliar, e utilizar eficazmente a informação necessária. Implica fazer escolhas informadas, desenvolver capacidades de investigação, aprender a organizar a informação e avaliar a relevância e exatidão dos resultados da pesquisa (pensamento crítico).</p>	<p>Comissão Europeia (2019)</p>

2

# FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO, FAKE NEWS PARA A EDUCAÇÃO

Literacias	Descrição	Por exemplo...
Literacia	Literacia é a capacidade de identificar, compreender, expressar, criar e interpretar conceitos, sentimentos, factos e opiniões, tanto na forma oral como escrita, utilizando materiais visuais, sonoros/audiovisuais e digitais em diferentes contextos. Implica a capacidade de comunicar e de interagir eficazmente com os outros, de uma forma apropriada e criativa.	Comissão Europeia (2019)
Literacia mediática	A literacia mediática equipa as pessoas com as competências necessárias para consumir, escrutinar e produzir uma variedade de conteúdos mediáticos (digitais). Ajuda a responder a perguntas relacionadas com quem produziu o conteúdo, quem o disponibilizou e como é consumido.	Bozdaž, Neag & Leurs (2022) Comissão Europeia (2022a e 2022b) Sádaba & Salaverría (2023) Trültzsch-Wijnen (2020)
News Literacy	“The ability to use critical thinking skills to judge the reliability and credibility of news reports from all media: print, TV, radio or the web” (Center for News Literacy, 2016; Tully, 2021). News Literacy implica o reconhecimento das “notícias” como um género discursivo composto de vários elementos (visuais, textuais, etc.) e o envolvimento ativo com fontes e factos.	Center for News Literacy (2016) Schwarzenegger & Wagner (2018) Trully (2021)
Literacia visual	A capacidade de ler imagens (tanto estáticas como em movimento) e de detetar inconsistências e manipulações. Inclui a capacidade de analisar a composição multimodal e o enquadramento de determinada imagem, as emoções que pretende produzir e a sua ligação aos contextos onde é colocada em circulação. Inclui, assim, aspetos relacionados com a produção e a publicação de imagens, uma vez que a mesma imagem pode ser lida de forma muito diferente, de acordo com as interações que estabelece com determinado ambiente visual (e ideológico).	Kress & Van Leeuwen (2021)

**Quadro 1.** Literacias envolvidas na compreensão de e combate às FN



## FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO, FAKE NEWS PARA A EDUCAÇÃO

Para além destas literacias, existem ainda duas competências relevantes e especificamente relacionadas com o campo do projeto CoMMITTEd, que ajudam a compreender e lidar com FN: a competência intercultural e a competência plurilingue (Quadro 2). Estas duas competências são importantes porque estão intimamente relacionadas com a perceção do Outro e o seu desenvolvimento ajuda-nos a desconstruir os mecanismos de alterização, ou seja, as estratégias e processos discursivos e multimodais envolvidos na construção da imagem de um indivíduo ou grupo como substancialmente diferente da “maioria”. Normalmente, isto é feito através da construção de dicotomias como “eles” e “nós, por exemplo.

Competência	Definição	Por exemplo...
Competência intercultural	<p>A capacidade de participar em encontros interculturais, de ser capaz de ler e interpretar criticamente factos, textos, e artefatos multimodais, criados (ou que circulam) noutros contextos. Exige a capacidade de reconhecer que todas as perspetivas, incluindo as próprias, são desenvolvidas em contextos particulares de socialização. Também engloba a capacidade de se colocar no lugar do Outro, de descentralizar e mudar de perspetivas e a vontade de compreender múltiplos pontos de vista. Engloba uma dimensão cognitiva, afetiva e comportamental. Esta é uma competência muito importante, relacionada com as FN por dois motivos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• pode ser necessário desconstruir os mecanismos de manipulação envolvidos na construção da imagem do Outro;</li><li>• pode haver necessidade de participar em interações com pessoas que não partilham as mesmas visões e experiências do mundo, tendo assim perspetivas diferentes sobre os “factos” (falsos ou não).</li></ul>	Byram (1997)
Competência plurilingue	<p>A competência plurilingue envolve, entre outros elementos, a capacidade de ler, interpretar, produzir e trocar informações em diferentes línguas. Quando relacionada com FN, a competência plurilingue permite cruzar informação sobre os mesmos “factos” em diferentes ecossistemas linguísticos de notícias. O desenvolvimento da competência plurilingue está, assim, intimamente relacionado com a capacidade de desenvolver uma imagem mais complexa e diversificada do Outro e do mundo, contribuindo ainda para o desenvolvimento crítico das literacias listadas no Quadro 1.</p>	Piccardo et al. (2022)

**Quadro 2.** Compreender e combater as FN através do desenvolvimento da competência intercultural e plurilingue



A lista de literacias e competências incluídas nos Quadros 1 e 2 não reflete todas as definições de literacias e competências discutidas (e emergentes) na literatura, no campo da compreensão de e combate às FN. No entanto, são as que parecem ser mais relevantes em contextos escolares, fazendo parte de vários currículos europeus (e não só). Considerando a rápida evolução dos meios digitais e a forma como a informação (também as FN) é produzida, circula e é consumida, podemos antecipar que, de futuro, esta lista de competências se alargará para responder a novas exigências e desafios.

A par das literacias e competências a tratar e desenvolver, dois princípios pedagógicos interligados podem ser considerados como inspiradores deste manual digital:

- **Estratégias centradas no estudante:** confrontar os estudantes com as suas próprias práticas, consciencializando-os de que ser adepto da utilização de diferentes ferramentas e *gadgets* não os torna automaticamente alfabetizados e críticos sobre a sua utilização - uma reflexão sobre as armadilhas textuais, discursivas e multimodais em que já tenham caído pode ser uma forma de reconhecer a sua própria falta de imunidade às FN. Estratégias centradas no estudante podem também implicar levá-lo a refletir sobre as suas próprias experiências, quer com as FN, quer com os processos de alterização: tal reflexão pode melhorar as capacidades de descentração dos estudantes e promover empatia e respostas emocionais mais positivas à alteridade.
- **Estratégias de descoberta:** implicam fazer com que os estudantes adquiram conhecimentos e desenvolvam o know-how necessário para desmascarar e interpretar as FN; podem levar ao desenvolvimento de diferentes conhecimentos (histórico, geográfico, científico, linguístico, matemático) e ao desenvolvimento de competências de interpretação e de relacionamento, indo além da mera interpretação de textos e documentos escritos, abraçando assim uma pedagogia de multiliteracias (ver Quadro 1, Literacia Digital).



Estes princípios pedagógicos, para abordar as FN na escola, podem também ser utilizados em programas de formação inicial, contínua e em serviço de professores. De facto, orientaram a concetualização dos recursos e atividades pedagógicas incluídas, quer no Observatório Fake News (secção 3), quer nos módulos digitais interativos de formação de professores (secção 4).

### 3.1 ORGANIZAÇÃO

O Observatório de Fake News oferece uma base de dados composta por vinte FN que relacionam migrantes (pessoas do Médio Oriente e Norte de África, africanos subsaarianos, asiáticos e sul-americanos), bem como minorias étnicas e religiosas (sobretudo, judeus e muçulmanos), com a pandemia provocada pela COVID-19 em quatro países europeus - Alemanha, Espanha, Países Baixos e Portugal. Em cada um deles, investigadores das Universidades de Aveiro, Hamburgo, Navarra e Tilburg selecionaram cinco exemplos de FN que são representativos das especificidades dos discursos nacionais anti-migração e anti-minorias de cada uma destas áreas geográficas (Figura 2).



Figura 2. Organização do Observatório

Como esperado, estas narrativas diferem de um país para outro, com base em particularidades nacionais e geopolíticas e em pressupostos etnográficos e ideológicos regionais. Na Alemanha, por exemplo, o discurso migratório está ligado ao conceito Multikulti, enquanto em Espanha surge a imagem das pateras, ou dos barcos que transportam migrantes de maneira ilegal, através do Estreito de Gibraltar. Contudo, devido à circulação global de narrativas semelhantes e desafios partilhados (COVID-19), existe uma tendência comum nos quatro países para responsabilizar estes grupos (migrantes e minorias) pelos problemas sociais e económicos causados pela pandemia, culpando-os mesmo por serem a sua causa e apresentando-os como um grupo de pessoas “estrangeiras”/“diferentes”. Estes fenómenos de culpabilização de pessoas mais vulneráveis (através da procura de bodes expiatórios), bem como a sua estigmatização como sendo “Outros”, ocorreram repetidamente ao longo da história e, em particular, em tempos de crise (como a pandemia provocada pela COVID-19), levando a consequências nefastas no discurso público e nas relações sociais.

O Observatório de Fake News visa oferecer, aos formadores de professores, professores no terreno e futuros professores, um kit de exemplos reais de FN, pronto a usar, através do qual possam, por um lado, sensibilizar os seus alunos para as estratégias (retóricas e multimodais) que são utilizadas para identificar e visar estes grupos nos meios de comunicação social e, por outro lado, demonstrar como são criadas falsas narrativas. O tratamento das FN selecionadas é acompanhado de um documento orientador, denominado “Sugestões para uso pedagógico” (disponível em <https://committedobservatory.eu/wp-content/uploads/2022/12/Pedagogical-use-EN.pdf>), e de um glossário de conceitos para uso pedagógico (Figura 3).



Figura 3. Excerto do glossário

A maioria da desinformação incluída no Observatório surge em canais “clandestinos”, tais como blogs, plataformas de redes sociais e websites amadores, que são frequentemente anónimos e, portanto, difíceis de identificar e desmascarar. Durante a pandemia, a internet passou a ser um lugar ideal para criar e divulgar FN, fenómeno que tem aumentado nos últimos anos.

Os migrantes e a migração representam, normalmente, um alvo fácil para os interessados em espalhar confusão, medo e raiva, pretendendo reforçar velhos preconceitos e agitar divisões sociais. É um grupo que pode ser facilmente associado a questões com um significado mais simbólico e pessoal, como a religião e a identidade, bem como também a questões sociais mais sensíveis, como o trabalho, a saúde e a segurança social (daí a existência e propagação de FN como “requerentes de asilo que recebem preferência na vacinação”; “imigrantes que abusam dos sistemas de assistência social ou que têm melhor acesso a habitação e a benefícios sociais do que os nativos”). Estas narrativas aumentaram não só quando o desemprego e os impactes económicos da pandemia se tornaram uma grande preocupação, mas também quando a confiança dos leitores nas fontes oficiais de autoridade (tais como as instituições públicas e os meios de comunicação social) diminuiu. Além disso, o discurso relacionado com a migração parece beneficiar da ausência de voz e da exclusão dos migrantes, que tendem a estar sub-representados nos meios de comunicação e nos debates políticos, sendo frequentemente marginalizados também do ponto de vista socioeconómico.

O nosso Observatório visa facultar, ao nosso público alvo, estratégias para reconhecer e distinguir diferentes tipos de informação manipulada (“misinformation”, “disinformation” e “malinformation”) e para, desenvolver o hábito de consultar fontes mais fidedignas.

Os diferentes estudos de caso incluídos no Observatório apresentam, geralmente, a seguinte estrutura: em primeiro lugar, a FN em análise é contextualizada e descrita sucintamente. Se for um áudio ou um vídeo, é disponibilizada uma transcrição da informação apresentada. Em segundo lugar, a fonte da mensagem é examinada e mobilizam-se competências analíticas para identificar: (1) a audiência para a qual a mensagem é dirigida; (2) o público que está a ser objeto de discriminação; e (3) os possíveis interesses ou motivos subjacentes à criação ou retransmissão da informação.

Depois, são abordados os seguintes pontos, que variam entre as diferentes FN:



- o conteúdo a ser transmitido (por exemplo, “migrantes passam à frente na fila da vacinação”);
- o formato e meio escolhidos (por exemplo, nota de voz, texto; vídeo do TikTok ou do WhatsApp; publicação do Twitter ou do Instagram; tentativas de imitar o género “notícia”);
- possíveis indicadores de FN (erros gramaticais ou ortográficos, omissão de fontes oficiais, generalizações, acusações injustificadas, discurso sensacionalista, manipulação de imagens ou imagens descontextualizadas);
- o tipo de informação falsa ou de “desordem informacional” (“misinformation”, “disinformation” ou “malinformation”);
- a reação dos e o impacte sobre os utilizadores (comentários, gostos, número de visualizações e de partilhas);
- utilização de efeitos visuais (posicionamento e escolha de gráficos, tipo de letra, títulos).

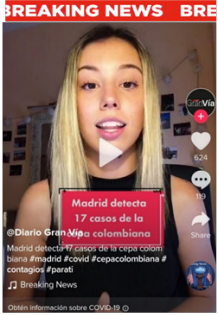




### 3.2 CONTEÚDO

Os estudos de caso que selecionámos para o Observatório oferecem ao leitor uma visão dos diferentes tipos de manipulação de informação que relacionam migrantes e minorias com a pandemia provocada pela COVID-19. Além disso, mostram a complexidade das FN, abordando áreas cinzentas entre o conteúdo completamente falso e a cobertura noticiosa baseada em factos. Esse é o caso, por exemplo, quando números ou factos precisos são utilizados fora do seu contexto verdadeiro, quando os títulos e as imagens não têm qualquer ligação com o conteúdo do artigo, ou quando são citadas alegações que não podem ser confirmadas. Para designar e estudar estas formas de FN, como vimos, são utilizados os termos “misinformation”, “disinformation” e “malinformation” (Wardle & Derakhshan, 2017). É importante que os alunos tomem consciência de que histórias e artigos baseados em alguma evidência ou facto podem, ainda assim, causar danos à sociedade ou instigar hostilidade para com determinado(s) grupo(s), pelo recurso, por exemplo, ao exagero, ao sensacionalismo, ou à partilha de informação sensível. Os estudos de caso do Observatório perfilam-se como uma ferramenta valiosa para reconhecer preconceitos e apelos à emoção. Podem ser úteis para compreender como analisar e como avaliar a legitimidade da informação, bem como para avaliar a fiabilidade das fontes.

O Quadro 3 apresenta os títulos dos diferentes estudos de caso e links diretos para a respetiva versão “PDF”, no Observatório. Estes títulos estão traduzidos para português, mas é importante ressaltar, no entanto, que os documentos originais estão escritos na língua do país a que pertencem, exceção feita para cinco estudos de caso (um por cada país) que foram integralmente traduzidos para inglês.

<p><b>Estudos de caso neerlandeses</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chineses ofendidos pela desagradável canção Corona com Rádio</li> <li>• O coronavírus é uma conspiração salafista</li> <li>• Observe a diferença 1940- 2020</li> <li>• Bunkers na Zeeland revestidos de estrelas judaicas com a palavra COVID</li> <li>• Geert Wilders, líder do Partido pela Liberdade: Henk e Ingrid contra Mohammed e Fátima.</li> </ul>
<p><b>Estudos de caso alemães</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma controvérsia em Berlim</li> <li>• Controlo das fronteiras em vez de controlo de vacinação</li> <li>• Números de corona entre os migrantes</li> <li>• Pagamento especial (favoritismo, injustiça) mesmo para os requerentes de asilo rejeitados</li> <li>• Multikulti vs. Coronavírus</li> </ul>

<p><b>Estudos de caso espanhóis</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupos prioritários de vacinação COVID-19</li> <li>• -Espanha abre as suas fronteiras a um novo grupo turístico</li> <li>• “Variante colombiana” da COVID-19</li> <li>• Marroquinos, infetados em Cartagena, alojados no Hostel Manolo</li> <li>• Judeus por detrás das vacinas COVID-19</li> </ul>
<p><b>Estudos de caso portugueses</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nativos australianos resistem à vacinação contra a COVID-19</li> <li>• Zmar Eco Resort - Um complexo de alojamento “nazificado”</li> <li>• O problema dos refugiados - que M&amp;M é que vai comer?</li> <li>• Substituição populacional com máscaras contra a COVID-19</li> <li>• COVID-19 variantes origem</li> </ul>
<p><b>Tradução inglesa de 5 estudos de caso</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Migrantes passam à frente na fila da vacinação em Espanha?</li> <li>• Fronteiras policiais e não estatuto de vacinação!</li> <li>• “O problema dos refugiados” - que M&amp;M é que vai comer?</li> <li>• Marroquinos, infetados em Cartagena, alojados no Hostel Manolo</li> <li>• Geert Wilders, líder do Partido pela Liberdade: Henk e Ingrid contra Mohammed e Fátima</li> </ul>

**Quadro 3.** FN incluídas no Observatório

No Observatório, migrantes e minorias são associados a certos países de origem (chineses, colombianos, marroquinos, etc.) e a religiões (judeus, muçulmanos), a um estatuto migrante específico (refugiados, requerentes de asilo) ou também representados através da utilização de onomásticos estereotipados (“Maomé e Fátima”) (ver Breeze, Gintsburg, & Baynham, 2022). Tais designações são amálgamas (geralmente na forma plural) frequentemente combinadas com adjetivos negativos (“requerentes de asilo rejeitados”, “marroquinos infetados”) ou apresentados como problemas (o “problema dos refugiados”).

Além disso, os migrantes e as minorias são apresentados como um possível perigo que ameaça a saúde, a segurança e o bem-estar económico dos concidadãos, razão pela qual são considerados culpados (bodes expiatórios) de diferentes situações:

- tirarem partido da ajuda estatal ou de programas de saúde;
- saturarem o sistema de saúde pública;
- serem mais propensos a acreditar em FN relacionadas com a COVID-19 e a apresentar uma baixa taxa de vacinação;
- negligenciarem as medidas de distanciamento social;
- serem portadores do vírus, uma força invasora que chega à Europa ilegalmente, e serem descontrolados e criminosos.

Os migrantes são, frequentemente, associados a uma higiene deficiente e representados como um grupo homogêneo violento. **Isto tem levado à ênfase de uma narrativa que promove o controlo das fronteiras, a regulamentação do apoio financeiro e um sentimento de desconfiança em relação aos recém-chegados.**

### 3.3 SUGESTÕES DE UTILIZAÇÃO

Devido aos avanços da tecnologia e da globalização, a educação e a formação em literacia digital contra a desinformação (FN, manipulação de informação) estão a tornar-se essenciais nos cursos de formação de professores e em educação, dentro e fora da escola. No entanto, abordar as FN em termos pedagógicos também requer trabalhar o pensamento crítico, as capacidades discursivas e o envolvimento social para navegar e interagir com segurança nos diferentes ambientes multimodais online.

Segundo a OCDE, existe uma clara necessidade de reforçar o papel da educação e da formação no combate à desinformação e na promoção da literacia digital na UE. A Comissão Europeia lançou várias iniciativas políticas de educação digital (tais como o Plano de Acção para a Educação Digital, 2021-2027) para criar “Uma Europa apta para a Era Digital”. Em consonância, muitos países (como Reino Unido, Irlanda, Espanha, Países Baixos, Alemanha e Finlândia) começaram a incluir a literacia digital nos seus currículos escolares e nos seus programas de formação, sendo que um número crescente de aulas e workshops são dados acerca de responsabilidades, riscos (tais como cyberbullying, estratégias publicitárias ou FN), comportamentos (in)aceitáveis e hábitos saudáveis online.

### 3.3.1 Utilização do Observatório em disciplinas específicas e em todo o currículo

Três cenários podem ser imaginados para utilizar os recursos do Observatório CoMMITTEd, que podem ser combinados para alcançar resultados mais sustentáveis:

- Novas disciplinas escolares, concebidas para melhorar a literacia digital;
- Ao longo do currículo, criando espaços em disciplinas escolares já existentes;
- Em atividades extracurriculares.

O Quadro 4 mostra várias formas de utilizar os diferentes estudos de caso do Observatório em diferentes disciplinas escolares. Para mais informações, consultar o documento “Sugestões para uso pedagógico” (Figura 4).



Figura 4. Parte do documento “Sugestões para uso pedagógico”



<b>Aula de Língua Primeira</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Selecionar FN e identificar e analisar estratégias linguísticas, retóricas e multimodais utilizadas para identificar os migrantes e refugiados como ‘Outros’;</li> <li>• Tratar FN como um género textual particular, que precisa de ser devidamente ‘lido’ e ‘interpretado’, exigindo formação em estratégias de leitura;</li> <li>• Identificar e analisar escolhas lexicais (em termos de adjetivos, verbos e substantivos) e construções gramaticais particulares (frases consecutivas, ou quebras na coesão, por exemplo);</li> <li>• Sensibilizar os estudantes para as mudanças nos géneros jornalísticos após a pandemia, uma vez que os meios de comunicação social estão agora a avançar para géneros híbridos de vídeos, histórias áudio e visuais, em que os limites entre o público e o privado são diluídos;</li> <li>• Mostrar o poder da rotulagem dos meios de comunicação na construção de “identidades”/“representações” de grupo;</li> <li>• Analisar a representação discursiva de migrantes, minorias e refugiados em diferentes meios de comunicação social europeus;</li> <li>• Ajudar os estudantes a compreender a diferença entre um jornal diário e um tablóide de supermercado, um anúncio ou um logótipo, um cartaz ou uma página web, um jogo de vídeo, ou um romance. O que torna um website legítimo e outro um embuste, ou como é que os anunciantes embalam os produtos para nos seduzir a comprar? Utilizar exemplos reais e locais para ajudar os estudantes a diferenciar entre estes géneros de texto.</li> </ul>
<b>Língua Estrangeira</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comparar FN sobre o mesmo tema em diferentes línguas, promovendo capacidades de raciocínio entre línguas e culturas, bem como capacidades de intercompreensão;</li> <li>• Utilizar a análise fornecida para escrever contra-narrativas nos websites das FN ou nas contas dos meios de comunicação social onde as FN apareceram.</li> </ul>
<b>Filosofia / Ética</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir conceitos filosóficos de “verdadeiro”/“falso”, “facto” e “opinião”, com base nos exemplos do Observatório;</li> <li>• Discutir estratégias utilizadas para despersonalizar os grupos-alvo (minorias, migrantes) (não mostrando os seus rostos; apresentando-os como um grupo homogéneo).</li> </ul>
<b>História</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar momentos semelhantes na História em que grupos sub-representados e mais vulneráveis (de diferentes etnias, nacionalidades, religiões, estatuto, etc.) foram bodes expiatórios ou se relacionaram com desinformação.</li> </ul>
<b>Artes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar o teatro (dramatização) para fazer com que os estudantes adotem um papel com o qual normalmente não se identificam, promovendo o desenvolvimento de competências de descentração;</li> <li>• Analisar a relação entre as mensagens transmitidas e os efeitos sonoros, ângulos de câmara (grandes planos), iluminação, simbolismo, imagens e flashbacks. Pode trabalhar com cenas-chave de filmes, anúncios publicitários ou canções. Fazer com que os alunos percebam o efeito que a música pode ter num thriller, desligando o som ou a imagem e ouvindo a banda sonora. Escrever todas as palavras que são ditas. Refletir sobre quem as diz e sobre o tipo de música utilizado. Outra opção é explicar-lhes as diferentes posições da câmara e levá-los a analisá-las em algumas cenas de um filme;</li> <li>• Analisar códigos visuais em anúncios publicitários (utilização de cores, linhas, formas e composição para transmitir ideias e emoções particulares). Refletir sobre Como se relacionam com os produtos que estão a ser comercializados e sobre o facto de as ligações serem, ou não, lógicas e legítimas.</li> </ul>

<b>Matemática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordar questões de probabilidade, percentagem, proporção e exponencialidade, utilizadas para manipular o sentido dos quantificadores nas FN;</li> <li>• Examinar FN que apresentem os migrantes como um catalisador de infeções ou doenças e tentar desconstruir a ideia dos migrantes como uma ameaça para a saúde.</li> </ul>
<b>Política</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordar contextos sociais, políticos e económicos em que as FN mais frequentemente emergem e evoluem; comparar um contexto específico com outro, utilizando os diferentes materiais do Observatório;</li> <li>• Encorajar os estudantes a encontrarem FN em torno de outros temas relacionados com os seus conhecimentos (alterações climáticas, guerra, manipulação de resultados eleitorais, etc.) e escrever uma análise semelhante à que é apresentada no Observatório</li> </ul>

**Quadro 4.** Sugestões para a utilização do Observatório de Notícias Falsas em diferentes disciplinas escolares

Encontra, também, uma lista de recursos úteis para professores e educadores no combate à desinformação e na promoção da literacia digital:

- [Digital education: free self-reflection tools](#)
- [Guidelines for teachers and educators on tackling disinformation and promoting digital literacy through education and training](#)
- [Final report of the Commission expert group on tackling disinformation and promoting digital literacy through education and training](#)
- [A Global Framework of Reference on Digital Literacy Skills](#)

### 3.3.2 Utilização do Observatório em programas de formação de professores

Apresentam-se, seguidamente, algumas propostas de formação para dois públicos-alvo: formação universitária de professores e seus futuros alunos na sala de aula. A maioria destas propostas pode ser feita, tanto online (em casa), como em ambiente escolar, em seminários, palestras ou aulas.

As tarefas seguintes estão divididas em três blocos, sendo recomendada a consecução de, pelo menos, uma tarefa por bloco.

**BLOCO 1:** Observar e criar o seu próprio observatório de FN/ Ligar FN às experiências quotidianas.

**BLOCO 2:** Leitura reflexiva e crítica.

**BLOCO 3:** Pequenos estudos de investigação/projetos criativos.

## BLOCO 1: CRIAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO PRÓPRIO DE FAKE NEWS

**Objetivos de aprendizagem:** Potenciar as competências recetivas dos estudantes, fazendo-os criar a sua própria etnografia de FN e levando-os a pensar em estratégias para desenvolver competências de literacia mediática.

Professores em formação	Alunos da escola
<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolva uma etnografia pessoal de FN para um determinado número de dias (o número de dias depende do nível); irá escrever as notícias que irá ler. Escolha as partes que lhe chamaram a atenção e explique por que razão foi essa a sua escolha. Faça capturas de ecrã e documente a sua reação. Analise a sua reação com base nos conceitos e ideias que aprendeu através do Observatório.</li> <li>Escolha um exemplo do seu observatório de FN e analise-o de acordo com os critérios que considere necessários (tais como autoria, formato, audiência, conteúdo, e finalidade). Justifique a sua análise.</li> <li>Que estratégias implementaria para permitir aos seus alunos identificar e analisar FN por si próprios? Ou seja, que recursos utilizaria para os orientar neste processo de deteção e desconstrução de FN?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É a sua vez de trabalhar de forma independente. Recolha notícias (o número e o tipo dependerão da idade, assunto, etc.) e organize-as numa apresentação digital para a sala de aula. Escolha as partes que lhe chamaram a atenção e explique por que razão foi essa a sua escolha. Faça capturas de ecrã e documente a sua reação.</li> <li>Analise algumas das suas notícias com base no binómio “falso ou real” e utilize os conceitos e ideias aprendidas no Observatório.</li> <li>Imagine que mostra um dos exemplos do Observatório, ou da sua própria coleção de FN, a alguém que acredita nele. Que estratégias lhe recomendaria para as analisar corretamente e evitar a sua divulgação/partilha?</li> </ul>



## BLOCO 2: LEITURA REFLEXIVA E CRÍTICA

**Objetivos de aprendizagem:** Refletir sobre aspetos da literacia mediática do Observatório e dos módulos digitais e relacioná-los com a bibliografia recomendada para o curso. Fomentar as capacidades de leitura crítica dos alunos, mostrando-lhes como as notícias/textos são construídos (explorando estratégias de persuasão, manipulação de emoções, rever as convenções de narração de histórias e simbolismo, etc.).

Professores em formação	Alunos da escola
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto a produzir (3-5 páginas) deve:               <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Concentrar-se numa das leituras recomendadas para o curso.</li> <li>b. Apresentar argumentos claros e bem formulados. Incluir um breve sumário e uma análise mais detalhada. De que modo a informação apresentada está relacionada com os argumentos defendidos?</li> <li>c. Demonstrar uma discussão aprofundada, crítica e analítica das principais questões apresentadas na leitura que escolheu.</li> </ol> </li> <li>• Considere notícias, publicações e vídeos relacionados com as questões de migração, pandemias e questões gerais de saúde. Relacione-os com o que aprendeu com o Observatório e com as leituras propostas. Reflita sobre o que as diferentes leituras dizem sobre assuntos específicos. Em alguns casos, as leituras são altamente complementares; noutros casos, várias leituras fornecerão um quadro abrangente de uma determinada questão. Deverá incluir citações, juntamente com as respetivas referências (sempre que se justificar), bem como uma compreensão da terminologia apresentada na leitura e algumas das suas análises.</li> <li>• Para esta tarefa, conduzirá uma entrevista com um colega, amigo ou familiar e analisá-la-á em termos políticos, simbólicos, antropológicos, linguísticos, e/ou éticos. Deverá utilizar, pelo menos, duas das leituras recomendadas na sua análise e poderá ter de fazer pesquisa adicional na biblioteca. O professor terá de fornecer uma descrição detalhada da tarefa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar alguns dos exemplos apresentados na secção anterior (3.3.1) (utilização pedagógica dos estudos de caso e tarefas de literacia digital em todas as disciplinas escolares).</li> </ul>

**Leituras recomendadas para o curso:**

- Breeze, R., Gintzburg, S., & Baynham, M. (2022). Introduction: Narrating Space and Time in Migration. In R. Breeze, S. Gintzburg, & M. Baynham (Eds.). *Narrating Migrations from Africa and the Middle East: A Spatio-Temporal Approach* (1-14). Bloomsbury Academic. <http://dx.doi.org/10.5040/9781350274570.ch-l>
- Breeze, R. & Gintzburg, S. (forthcoming). Exploiting the crisis: populists, migration, minorities and Covid-19. In N. Thielemann & D. Weiss (Eds.), *Remedies against the pandemic: How politicians communicate crisis management*. John Benjamins Publishing.
- Sádaba, C., & Salaverría, R. (2023). Combatir la desinformación con la alfabetización mediática: análisis de las tendencias en la Unión Europea. *Revista Latina de Comunicación Social*.
- Salaverría, R., Buslón, N., & López Pan, F. (2020). Desinformación en tiempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la COVID-19. *El Profesional de la Información*.
- Szakács, J., & Bognárt, E. (2021). *The impact of disinformation campaigns about migrants and minority groups in the EU*. European Parliament.
- Thoman E., Jolls T., & Centre for Media Literacy. (2008). *Literacy for the 21st century: an overview & orientation guide to media literacy education. part 1. theory cml medialit kit: a framework for learning and teaching in a media age* (Ed. 2). Centre for Media Literacy.
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). Information disorder: *Toward an interdisciplinary framework for research and policy making information disorder toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Council of Europe.

**BLOCO 3: PEQUENO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO/ PROJETO DE INVESTIGAÇÃO CRIATIVA .****Objetivos de aprendizagem:**

Professores em formação: Escrever acerca de um estudo de investigação, já realizado, sobre educação para a literacia mediática ou sobre discursos de migração.

Alunos da escola: Desenvolver e apresentar um pequeno projeto de investigação. Tal pode ser feito em pequenos grupos e sob diferentes formas (apresentação digital, cartaz, vídeo, desenho animado, história digital, website, entrada de blog, campanha sobre assuntos comunitários, podcast, etc.).

Professores em formação	Alunos da escola
<ul style="list-style-type: none"> <li>Projeto final: Cada estudante apresentará um trabalho de investigação que consistirá num resumo (1 página) e num pequeno estudo (4-6 páginas) sobre um tópico relacionado com FN, migrantes/minorias e pandemias, ligando-o ao que aprenderam enquanto trabalhavam com os casos do Observatório.</li> </ul> <p>O resumo incluirá a seguinte informação: (1) Uma breve Introdução ao Tema, (2) 2-3 Questões de Investigação, (3) Métodos de Investigação, (4) Possíveis fontes académicas (1 fonte primária e 3 fontes secundárias), (5) Resultados esperados.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver uma proposta didática concreta para o ensino da literacia mediática, numa disciplina específica e para determinada faixa etária. Se possível, implementá-la numa lógica de pré e pós-teste. Descrever a sua proposta/ experiência num artigo de investigação.</li> <li>Rever materiais didáticos que pareçam promissores para a educação para a literacia mediática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver um questionário com os alunos para avaliar a sua utilização (consumo) e a conceção que possuem de FN nas redes sociais.</li> <li>Criar um jornal escolar sobre literacia mediática, numa rede social, e convidar professores e alunos a publicar pequenas resenhas de livros, reflexões sobre novos filmes, análise da campanha local, trabalho de investigação realizado pelos alunos, etc.</li> <li>Os alunos podem entrevistar pessoas de diferentes origens (idade, género, educação, contexto cultural) e podem comentar um dos exemplos do Observatório. Escrever um relatório sobre os diferentes pontos de vista e tentar explicar as diferentes respostas. Opção alternativa: Criar um role-play na aula para que os alunos possam experimentar os pontos de vista de outras pessoas.</li> </ul>



## OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para além do Observatório de Fake News, o projeto CoMMITTEd também criou dois módulos digitais de formação de professores, complementados por um outro transversal e mais teórico, intitulado “The Nature of Fake News: Past and Present Tendencies”. Nesta secção, os três serão apresentados relativamente à sua organização, estrutura e conteúdo. Serão também dadas algumas sugestões de utilização.

### 4.1 “THE NATURE OF FAKE NEWS: PAST AND PRESENT TENDENCIES”

Os dois módulos digitais interativos específicos são precedidos, contextualizados e complementados por um introdutório - “The Nature of Fake News: Past and Present Tendencies”. Este aborda os principais tópicos e questões relacionados com as FN, trazendo-os para a discussão e atribuindo ao utilizador questões e tarefas de reflexão. A sua organização é baseada em dez unidades, que podem ser subdivididas em duas partes:

- uma primeira (composta pelas unidades 1-7), que é mais longa e mais teórica, levando o utilizador a mergulhar no mundo das FN e a ter uma compreensão mais profunda da sua história, processos, conceitos e estrutura. Globalmente, as unidades integradas nesta parte têm uma estrutura idêntica e uniforme, baseada na apresentação e posterior desconstrução (de acordo com o tema) de três eventos relacionados, de alguma forma, com FN (exceto a unidade 4, que tem apenas dois), que são depois seguidos por tarefas relacionadas com cada tema da unidade e de sugestões para os professores os abordarem; e
- uma segunda, mais curta (incluindo as unidades 8-10), com uma abordagem mais pedagógica e processual, centrada na sensibilização do utilizador para um método específico de análise dos itens das FN - a técnica de etnografia digital, um processo exaustivo e lento que consiste em descobrir o(s) rasto(s) que a FN seguiu, o feedback que gerou e como influenciou a opinião pública.

Em termos de conteúdo, na primeira parte, cada unidade centra-se num tópico específico:

1. A intemporalidade das FN (com três exemplos do passado), no qual os utilizadores ficam a saber que as FN já existem há muito tempo e, expectavelmente, adquirem, ainda, uma visão dos mecanismos por detrás delas;
2. Reflexões sobre os processos por detrás da criação das mensagens das FN;
3. Como os cientistas investigam hoje FN, dado que estas se manifestam, especialmente, no mundo online;
4. A estrutura das FN, com ênfase na sua produção, de uma forma geral, nos elementos que as compõem e nas diferentes fases por que passam;
5. A identidade das pessoas que enviam as FN para o mundo - o agente;
6. A análise da natureza da mensagem por detrás dos itens de FN - a mensagem; e
7. As tarefas para os utilizadores explorarem a questão em torno dos intérpretes.

## 4

## OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A segunda parte, foi construída numa lógica diferente, abordando três FN específicas, anteriormente exploradas (Estado Islâmico e COVID-19; Bill Gates e a pandemia; e Um homem chinês expulso de um táxi, no Cairo), analisando-as através de etnografias digitais e levantando questões sobre as suas diferentes camadas de conteúdo e de interpretação.

Na tabela 5, pode ler-se as unidades que constituem este módulo e o respetivo conteúdo. Para além disso, os eventos utilizados nas mesmas (e que servem de mote para a discussão em cada uma delas) são brevemente apresentados e associados à informação falsa que sobre eles circulou.

Unidade(s)	Artigos FN	Descrição
1 - Fake news is of all times 2 - How are FN messages created?	The Lisbon earthquake	No sábado 1 de novembro de 1755, o dia em que católicos de todo o mundo celebram a festa de Todos os Santos, a capital portuguesa de Lisboa foi atingida por um terramoto e, seguidamente, por um tsunami, após o qual grande parte da cidade se incendiou. Cerca de 40.000 pessoas perderam as suas vidas. Muitas delas tinham-se reunido nas igrejas da cidade para celebrar a festa religiosa. Teólogos e autoridades religiosas declararam a catástrofe como sendo um castigo de Deus pelos pecados da humanidade, espalhando assim FN sobre as origens da catástrofe.
	The murder in Damascus	A 14 de Abril de 1840, o jornal holandês "Algemeen Handelsblad" noticiou o assassinato de um monge capuchinho por parte de "judeus", na cidade síria de Damasco. Não houve provas desta acusação, nem investigações complementares, mas as autoridades locais prenderam importantes líderes judeus e um jovem judeu sucumbiu à tortura na prisão. O artigo menciona também o rumor de que as próprias autoridades locais terão feito desaparecer o monge, acusando posteriormente os judeus ricos do assassinato, com o objetivo de lhes extorquir dinheiro.
	Mad Tuesday Setptember 5, 1944	A Alemanha nazi ocupou os Países Baixos em maio de 1940 e controlou o país durante quase cinco anos. Em 1944, após os Aliados terem começado a romper as linhas alemãs e após a libertação de Antuérpia, espalharam-se rumores de que a cidade de Breda, localizada no sul do país, também estava livre. As pessoas saíram à rua, hastearam bandeiras e celebraram a libertação iminente. No entanto, tal acabou por não ser verdade e a parte ocidental dos Países Baixos teve de esperar mais alguns meses pela libertação.



Unidade(s)	Artigos FN	Descrição
3 - Scientific Research on Fake News	"Hardly any complaints after Corona"	O líder do partido político holandês "Forum for Democracy", Thierry Baudet, indicou no talk show "Op1", de 10 de Janeiro de 2021, que "mais de 98% das pessoas que tiveram COVID-19 praticamente não tiveram queixas". O website "eufactcheck" desmascarou as suas declarações, afirmando que as informações que estão na sua base provieram de uma fonte fidedigna (um radar de infeção, do governo holandês, que monitoriza a percentagem de pessoas que apresentam sintomas semelhantes aos da COVID-19), mas foram retiradas do contexto (a percentagem de sintomas semelhantes aos da COVID-19 não é a mesma que a de pessoas infetadas com o vírus SARS-CoV-2).
	Slice of sausage as a distant star	Etienne Klein, um físico francês, publicou uma foto no Twitter, em Agosto de 2022, de uma estrela distante, "a Proxima Centauri, a estrela mais próxima do sol, localizada a 4,2 anos-luz de distância". Milhares dos seus seguidores do Twitter levaram a publicação a sério e partilharam-na ou copiaram-na para outras redes sociais. No entanto, prontamente, outros cientistas e pessoas concluíram que a estrela não era mais do que uma fatia de chouriço.
	Nikki Tutorials' forced coming out	Em Janeiro de 2020, a influencer de beleza Nikki de Jager, mais conhecida como Nikki Tutorials, anunciou que era transgénero. Todavia, não o fez voluntariamente. Pessoas mal intencionadas tinham descoberto a sua identidade de género e ameaçaram torná-la pública, tentando chantagear Nikki. Foi por essa razão que a influencer decidiu divulgar, na Internet, a informação da sua identidade transgénero. Esta unidade analisa este exemplo de "malinformation".
4 - The Structures of Fake News	1984	No romance distópico "1984", de George Orwell, o protagonista Winston Smith trabalha no Ministério da Verdade. A sua função é adaptar constantemente o passado a novas interpretações, uma vez que existe um Partido todo-poderoso, que vigia tudo e todos e cujas decisões têm primazia sobre o passado - por exemplo, se decide que a Oceânia, um império que controla, fez subitamente as pazes com a Eurásia, mesmo que tenham estado em guerra durante anos a fio anteriormente. O passado tem de ser ajustado. Este romance, publicado em 1949, serve como exemplo de uma sociedade inteiramente baseada em FN.
	Keith Richards is God and Saint	Esta FN parte de uma fotografia que remonta a 1972, em que Keith Richards surge a segurar um jornal na mão e cuja manchete é: "O Papa declara: Keith Richards é Deus". No topo: uma reportagem a declarar que o Papa Francisco tinha canonizado Keith Richards diante de uma grande multidão na Praça de São Pedro. A razão? Keith Richards tinha realizado dois milagres, preenchendo assim as condições para ser canonizado pela Igreja Católica: um dos milagres de Richards era, segundo o Papa, o facto de ter tomado mais drogas do que qualquer outro ser humano; o segundo, o facto de ter vivido para o contar.

Unidade(s)	Artigos FN	Descrição
5 - Fake news more in detail: the agents 6 - Fake news more in detail: the message 7 - Fake news more in detail: the interpreters 8 - Islamic State and Covid: a digital ethnography 9 - Bill Gates and the pandemic 10 - Asian man in Cairo kicked out of taxi	Islamic State and Covid: "it is caused by our enemies"	Com a entrada do coronavírus nos seus territórios e fileiras, o Estado Islâmico foi obrigado a formular uma resposta às questões "por que razão a pandemia atingiu também a organização?", "o que fazer em relação a ela?" e "qual seria a sua causa?". Como resposta, o Estado Islâmico relacionou a causa da doença com Deus, que supostamente utilizou o vírus para punir os chineses, depois para levar os xiitas a desistirem da sua fé. Estas alegações podem estimular os muçulmanos do Ocidente, sensíveis à ideologia do Estado Islâmico, a disseminar estes rumores, ignorando o facto de que o vírus se espalhou independentemente da ideologia ou religião das suas vítimas.
	Bill Gates and the pandemic	Num website ortodoxo-cristão romeno, um artigo apresenta uma alegação feita por Bill Gates sobre as possíveis próximas pandemias do futuro. O título pode ser traduzido para "Bill Gates está a preparar uma nova pandemia global, haverá outro agente patogénico da próxima vez". Este artigo visa atrair os leitores com o seu título sensacionalista e com a utilização de uma tradução incorreta (retirada de contexto) de um discurso de Bill Gates numa conferência em Munique.
	Chinese man in Cairo kicked out of taxi	Em Março de 2020, uma pessoa de ascendência chinesa foi expulsa de um táxi, no meio do caótico tráfego do Cairo, enquanto tossia, porque o motorista temia a transmissão do coronavírus. O incidente teve lugar no início da propagação mundial do vírus SARS-CoV-2 e teve a sua origem nas declarações de oficiais egípcios, que asseguraram aos cidadãos que o vírus não atacaria o Egipto porque "vive na China, não no Egipto".

**Quadro 5.** Apresentação de "The Nature of Fake News: Past and Present Tendencies"

Como mencionado, este módulo transversal serve como introdução ao tema das FN, debruçando-se sobre a sua produção, difusão e consumo ao longo do tempo e em diferentes contextos políticos e ideológicos. Pode ser utilizado de diferentes maneiras: (1) como primeira opção, o leitor pode decidir explorar as seções na ordem apresentada ou de uma forma mais flexível, num processo de aprendizagem autónomo; (2) uma segunda opção, pode ser incluído em programas estruturados de formação de professores. No âmbito do CoMMiTTed e como veremos na secção seguinte, as atividades e textos deste módulo introdutório foram organicamente integrados nas tarefas dos módulos digitais interativos, mais específicos para a formação de professores.

## 4.2 OS MÓDULOS DIGITAIS INTERATIVOS

### 4.2.1 Estrutura e organização

Os dois módulos digitais de formação de professores estão ambos organizados em cinco partes (Figura 5):

- uma primeira, mais relacionada com atividades de descoberta, em que os professores podem contactar com o conceito e exemplos de FN e consciencializar-se relativamente ao problema da “desordem informacional”;
- uma segunda parte centrada em documentação teórica, para saber mais sobre FN;
- uma terceira dirigida à análise empírica;
- uma quarta parte que destaca a implementação didática, ao transformar FN em recursos pedagógicos; e
- uma quinta parte de autorreflexão e avaliação, para sintetizar e avaliar todo o trabalho realizado.

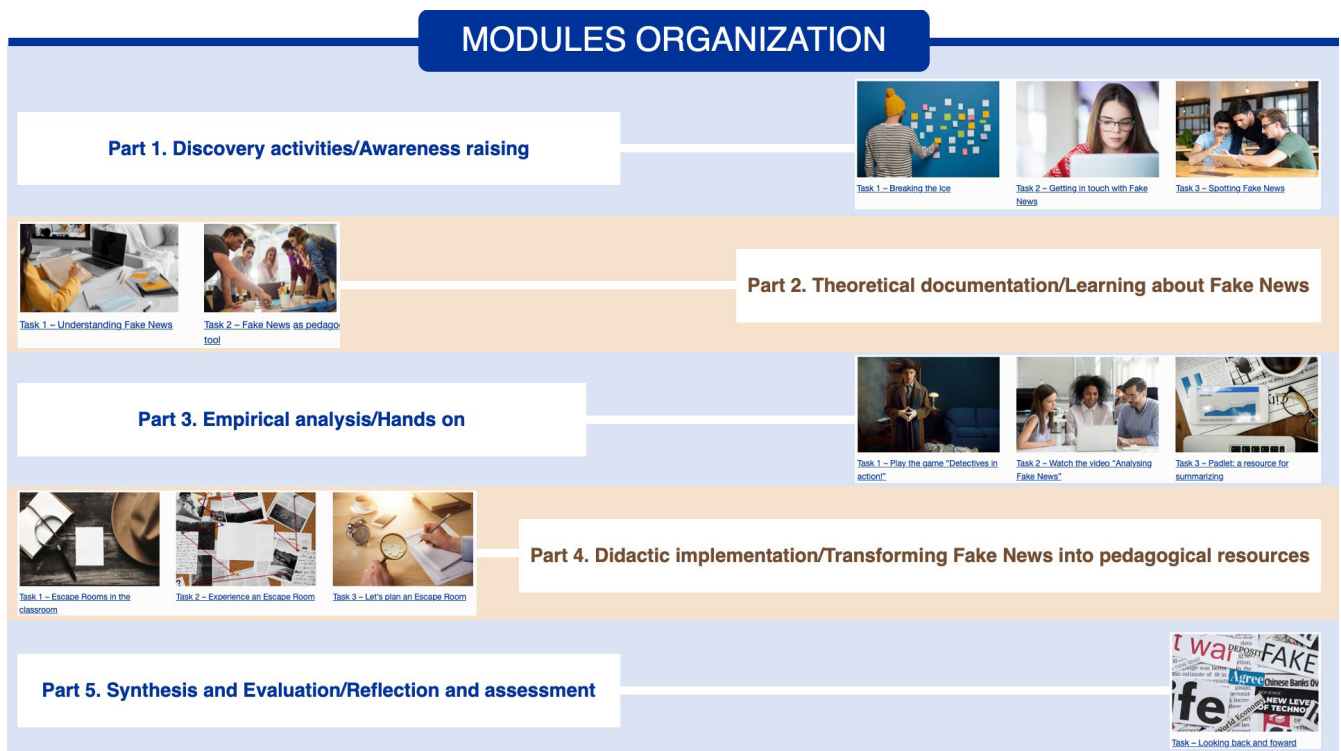


Figura 5. Módulos digitais: estrutura e organização

Cada parte integra uma ou várias tarefas, estruturadas de acordo com objetivos, questões orientadoras e recursos, as quais foram desenvolvidas considerando uma duração de tempo esperada - que é necessariamente diferente para todas elas. É também importante notar que ambos os módulos digitais podem ser explorados através de um percurso orientado, sugerido pela organização proposta, ou de forma independente. Esta flexibilidade permite a construção de diversos cenários de formação de professores, com base numa nova (re)configuração da estrutura das tarefas.

## 4.2.2 O conteúdo

Nesta secção, serão apresentados os conteúdos dos dois módulos digitais de formação. Para uma melhor compreensão, foram criadas duas subsecções, uma para cada módulo.

### **O módulo “Desenvolvimento da competência intercultural através da análise de Fake News sobre migrantes e minorias**

Este módulo tem como objetivo geral desenvolver competências de interpretação e de relação com a alteridade através da análise de FN e dos seus mecanismos de alterização (Otherization). Com base nesse objetivo, os professores analisam FN, compreendem o que elas são, os mecanismos subjacentes à sua construção e os seus principais alvos. Para tal, são utilizadas diferentes estratégias e recursos (multilingues), que englobam conceitos teóricos e atividades práticas, com especial ênfase para o potencial das *escape rooms* como instrumento pedagógico para promover e desenvolver a competência intercultural neste tópico específico. Como mencionado na secção anterior, este módulo está dividido em cinco partes, apresentadas no quadro abaixo.



## 4

## OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Parte	Descrição
1 - Atividades de descoberta (8 horas)	Nesta secção, irá refletir sobre as seguintes questões: Quanto tempo passa online por dia? Que tipo de informação consome durante esse tempo? Alguma vez se interrogou sobre a possibilidade de muitas dessas informações serem falsas? Como poderemos filtrar essas informações falsas? Nesta primeira parte do módulo, irá analisar Fake News e compreender o que são e que mecanismos são utilizados para as criar. Além disso, pretende-se que seja capaz de analisar o texto, a imagem e a relação entre ambos, identificando as características estilísticas e visuais das Fake News. Finalmente, as tarefas permitir-lhe-ão também reconhecer e refletir sobre as consequências das Fake News.
2 - Suporte teórico (4 horas)	Depois de conhecer um pouco melhor os conceitos relacionados com Fake News e informações falsas, vamos agora concentrar-nos nos seus principais alvos. Por que é que as minorias e as pessoas vulneráveis são tantas vezes enquadradas como bodes expiatórios? Qual é o papel dos meios de comunicação social nos processos de estereotipização e de alterização? Nesta secção, pretendemos desenvolver as suas perspetivas críticas sobre os tópicos listados, através de textos científicos e conhecimentos teóricos, com o objetivo final de aumentar a consciência crítica sobre o valor da compreensão dos processos de estereotipização e de alterização para o ensino e a aprendizagem.
3 - Análise empírica (3 horas)	Agora que percorremos um curto caminho ao longo de informações falsas e de notícias falsas, e após entrarmos em contacto com os seus principais alvos, avançaremos para a operacionalização dos conhecimentos teóricos. Aqui, serão testados diferentes recursos, para identificar mecanismos e estratégias linguísticas que são mobilizados para a construção e/ou reforço dos processos de estereotipização e de alterização.
4 - Implementação didática (13 horas)	Nesta parte, pretendemos apresentar e destacar o potencial das Escape Rooms como estratégia e recurso pedagógico, evidenciando o seu valor para o desenvolvimento da competência intercultural. Além disso, será possível experienciar uma Escape Room e conhecer testemunhos de atores educativos que já as tenham utilizado. Finalmente, desafiamo-lo a conceber (e a implementar e avaliar) uma atividade de <i>Escape Room</i> que desconstrua processos de alterização, nos media.
5 - Síntese/ Avaliação (2 horas)	Na última parte do módulo, criámos oportunidades para que possa refletir sobre a sua participação no mesmo, avaliando a forma como a sua competência intercultural se desenvolveu. Além disso, também será encorajado a identificar possíveis áreas de conhecimento profissional a aprofundá-las.”.

A seguir, apresenta-se uma visão geral das tarefas e dos objetivos específicos ligados ao trabalho de formação em cada parte deste módulo.

## PARTE 1 - ATIVIDADES DE DESCOBERTA

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Qual é a quantidade e dimensão da informação (falsa) que consome? (02 horas)	Contactar com um conjunto pré-selecionado de notícias e Fake News, identificando os seus elementos distintivos.
2 - O que faz com que as Fake News sejam Fake News? (02 horas)	Identificar elementos em Fake News que manipulem ou distorçam os factos.
3 - Todas as Fake News são falsas ou são mesmo notícias? (02 horas)	Compreender por que é que Fake News é um conceito pouco claro e por que é que termos alternativos poderiam ser preferíveis.
4 - Nunca criei uma Fake News. (02 horas)	Criar Fake News para cada categoria de informações falsas (mis/dis/malinformation).
5 - As Fake News sempre existiram. (Opcional) (02 horas)	Saber mais.

## PARTE 2 - SUPORTE TEÓRICO

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Refletir sobre a desinformação (01 hora)	Diferenciar informação falsa de informação incorreta e de má informação e refletir sobre as suas consequências em termos de construção das imagens dos outros.
2 - Media, Estereotipização e Alterização (45 minutos)	Compreender o papel dos media na estereotipização e na alterização.
3 - Por que é importante reconstruir as Fake News? (45 minutos)	Compreender que a capacidade de reconstruir Fake News sobre minorias faz parte da competência intercultural e da cidadania crítica.
4 - E quanto ao valor da compreensão dos estereótipos e outras formas de ensino e aprendizagem? (01h30min)	Refletir sobre o valor para o ensino e a aprendizagem da compreensão dos mecanismos de estereotipização do Outro, nos meios de comunicação de massas.

### PARTE 3 - ANÁLISE EMPÍRICA

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Assistir ao vídeo 'Analysing Fake News' (01 hora)	Identificar mecanismos linguísticos que conduzam à estereotipização e à alterização.
2 - Padlet: um recurso para sintetizar (01 hora)	Sintetizar as estratégias específicas que criam a alterização de migrantes e minorias, através da utilização de um padlet orientado.

### PARTE 4 - IMPLEMENTAÇÃO DIDÁTICA

Tarefas	Objetivo(s)
1 - <i>Escape rooms</i> na sala de aula (02 horas)	Compreender o potencial das <i>escape rooms</i> enquanto ferramenta pedagógica, para resolver, de forma colaborativa, um desafio sobre o tema da competência intercultural e das Fake News.
2 - Experiencie uma <i>escape room</i> (02 horas)	Experienciar uma <i>escape room</i> .
	Compreender a experiência que uma <i>escape room</i> pode proporcionar aos seus utilizadores.
	Refletir sobre o potencial das <i>escape rooms</i> na sala de aula, enquanto ferramenta pedagógica.
3 - Vamos planear uma <i>escape room</i> ! (02 horas)	Aprender a planear uma <i>escape room</i> enquanto tarefa pedagógica.
	Familiarizar-se com as ferramentas a utilizar para criar <i>escape rooms</i> .
4 - <i>Escape Rooms</i> em ação! (04 horas)	Planear <i>escape rooms</i> , com o objetivo de promover a aprendizagem intercultural e as competências de "savoir comprendre".
5 - Auto-reflexão (Opcional)	Implementar e refletir sobre a <i>escape room</i> implementada.
6 - Vamos explorar mais <i>escape rooms</i> ! (03 horas)	Avaliar, por pares, as <i>escape rooms</i> criadas.

## PARTE 5 - SÍNTESE/AVALIAÇÃO

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Avaliação individual (01 hora)	Realizar a avaliação individual.
2 - Até onde conseguimos chegar? (Opcional) (01 hora)	Desenvolver a avaliação do módulo através de discussão oral coletiva (grupo focal).

Este módulo digital e interativo pretende capacitar professores e formadores de professores com competências e recursos para enfrentar o fenómeno das FN, contribuindo assim para o seu desenvolvimento profissional. Promove o aprofundamento do conhecimento sobre a temática das FN e a aquisição de competências didáticas e digitais, permitindo, ainda, o contacto com materiais pedagógicos que podem ser utilizados em contextos educativos. Além disso, fornece recomendações para a sua utilização na sala de aula. Considerando que o foco principal do módulo é o desenvolvimento de competências de interpretação relacionadas com a alteridade, as tarefas também consciencializam o utilizador para a forma como as minorias e os migrantes são frequentemente alvos privilegiados de FN, que os utilizam como bodes expiatórios para problemas da sociedade em geral.

**O módulo “Da deteção das Fake News ao seu uso enquanto ferramenta pedagógica, em contexto escolar: enfoque no desenvolvimento da competência intercultural”**

Este módulo aborda as FN em diversos cenários educativos e visa: refletir sobre a sua utilização enquanto ferramenta pedagógica e explorar o seu potencial em sala de aula; desenvolver conhecimentos e competências profissionais sobre a sua implementação em áreas específicas e/ou entre disciplinas do currículo; e refletir sobre a forma como o trabalho pedagógico com as FN pode melhorar a competência intercultural de estudantes e professores. Assim, os professores são chamados a tomar conhecimento do contacto dos estudantes com as FN, assim como das suas opiniões acerca delas. Para além disto, podem refletir sobre as possibilidades e potencialidades da integração das FN em sala de aula. Para tal, terão acesso a recursos informativos e pedagógicos que os orientam na construção, implementação e avaliação de planos de aula sobre este tópico. Abaixo, detalhamos cada parte do módulo.





## OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Parte	Descrição
1 - Sensibilização (03 horas)	Sabe o que são Fake News? E como distinguir informação factual de informação falsa? Será que toda a informação falsa é igualmente prejudicial e manipuladora? Será que todas as Fake News são igualmente prejudiciais para as minorias? E por que razão as minorias são um alvo tão popular para os criadores de Fake News? Nesta primeira parte do módulo, vai refletir sobre as suas próprias experiências de consumo de Fake News, referindo as dificuldades que encontra na sua identificação. Para além disso, vai ainda refletir acerca dos objetivos de aprendizagem pessoais que estabeleceu para este módulo, em termos de desenvolvimento profissional.
2 - Aprender sobre Fake News (04 horas)	Nesta secção, irá desenvolver os seus conhecimentos teóricos sobre esta desordem de informação. Após consultar uma seleção de fontes teóricas, poderá refletir sobre a natureza das FN e sobre como estas estão relacionadas com a falta de literacia digital e mediática, bem como com capacidades de pensamento crítico. Esta reflexão abre o caminho à reflexão sobre como integrar estes conhecimentos em planificações de aulas futuras.
3 - Mãos à obra (04 horas)	Até agora, discutimos o que são FN e o que torna difícil identificá-las e categorizá-las. A desconstrução de FN nem sempre é uma tarefa fácil, nomeadamente se se quiser introduzi-las na sala de aula, como recurso pedagógico. Nesta parte do módulo, irá, para além das suas próprias considerações sobre o que são as FN, analisar o papel das plataformas de verificação de factos. Adquirirá, também, competências técnicas para desenvolver o seu próprio discurso e análise multimodal de FN, e começará a trabalhar de forma prática através da desconstrução de textos de desinformação. O objetivo principal desta secção é que seja capaz de reutilizar as competências desenvolvidas na sala de aula.
4 - Transformar Fake News em recursos pedagógicos (07 - 11 horas)	Chegou o momento de pensar em como integrar as FN na sua prática de ensino. Nesta parte do módulo, será chamado a desenvolver uma sequência pedagógica específica. Para isso, aprenderá sobre projetos que tentam abordar as FN na escola, bem como sobre as perspetivas dos estudantes. Com base nesse conhecimento, o objetivo é conceber a sua própria atividade de aprendizagem, que faz uso das FN. Idealmente, deverá concentrar-se nas FN sobre minorias, a fim de promover a competência intercultural. Ser-lhe-á pedido que pense sobre os objetivos específicos da sua atividade de sala de aula, ao mesmo tempo que transforma as FN num recurso pedagógico.
5 - Reflexão e avaliação (02 horas)	Nesta última parte do módulo, ser-lhe-á pedido que reflita sobre a influência que a sua participação nas tarefas teve no seu desenvolvimento profissional. O que aprendeu e que competências acha que deve desenvolver? Está a planear implementar mais aulas sobre FN e aprendizagem intercultural?

**PARTE 1 - SENSIBILIZAÇÃO**

Tarefas	Objetivo(s)
1 - O começo (30 minutos)	Contactar com o tópico das FN.
2 - Entrar em contacto com Fake News (30 minutos)	Contactar com dados concretos sobre FN.
3 - Detetar Fake News (02 horas)	Procurar FN, explicar as dificuldades de as identificar e fazer uma lista preliminar das suas características.
	Relacionar FN com as suas características textuais, influências ideológicas, agendas etc.
	Definir FN e comparar com o glossário do projeto.

**PARTE 2 - APRENDER SOBRE FAKE NEWS**

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Compreender o que são Fake News (03 horas)	Analisar textos de natureza teórica sobre Fake News (dificuldades na definição do conceito, entre outros).
	Produzir uma apresentação acerca de um dos tópicos sugeridos (individualmente ou em grupo): dificuldades na definição do conceito de Fake News, dificuldades na categorização de Fake News, dificuldades na identificação de Fake News, Fake News e literacia digital, Fake News e pensamento crítico, Fake News e literacia da informação).
2 - Fake News como ferramenta pedagógica (01 hora)	Discutir o potencial das FN para lições futuras.
	Desenvolver estratégias de deteção e análise de Fake News.

**PARTE 3 - MÃOS À OBRA**

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Encontrar Fake News (30 minutos)	Criar uma lista pessoal com características das FN.
2 - Identificar Fake News (30 minutos)	Comparar listas sobre como identificar FN, que circulam na Internet.
	Compreender e refletir sobre o trabalho das plataformas de verificação de factos.
3 - Reconsiderar a auto percepção das Fake News (02 horas)	Rever a lista de critérios para identificar FN, feita na primeira parte, adicionando ou removendo elementos.
4 - Analisar Fake News (02 horas)	Analisar FN (identificadas na Parte 1) com base num modelo de base de dados.

**PARTE 4 - TRANSFORMAR FAKE NEWS EM RECURSOS PEDAGÓGICOS**

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Observar Fake News por uma perspetiva pedagógica (02 horas)	Informar-se sobre literacia de informação e pensamento crítico, em contextos educativos.
2 - Fake News do ponto de vista dos alunos (01 hora)	Descobrir princípios didáticos das FN, do ponto de vista dos alunos.
	Resumir as perspetivas dos alunos sobre a utilização das FN enquanto recursos pedagógicos.
3 - Planear uma atividade de aprendizagem com Fake News (04 horas)	Planear uma atividade de aprendizagem, com base nas Tarefas 1 e 2, que possa ser implementada em diferentes áreas temáticas.
4 - Experimentar Fake News na escola (04 horas)	Implementar e refletir sobre a sequência pedagógica implementada.

**PARTE 5 - REFLEXÃO E AVALIAÇÃO**

Tarefas	Objetivo(s)
1 - Olhar para trás e para a frente (Opcional) (2 horas)	Avaliar o módulo através de uma discussão oral coletiva (grupo focal)
	Escrever uma avaliação reflexiva.

De uma maneira geral, este módulo visa alimentar a compreensão do tema das FN, bem como desenvolver competências de análise discursiva relacionadas com este campo específico, para encorajar os professores a trazerem as FN para a sala de aula. Para além disso, destaca-se o desenvolvimento de competências didáticas, relacionadas com a transformação de itens de FN em recursos pedagógicos (e a sua utilização em contextos escolares reais), e o reforço da competência intercultural dos professores, promovendo a sensibilização para as consequências dos processos de **estereotipização** e de **alterização**.

### 4.3 SUGESTÕES DE UTILIZAÇÃO

Os dois módulos digitais interativos de formação de professores, complementados pelo introdutório, como referido, podem ser utilizados, tanto autonomamente, por utilizadores independentes (em autoformação), como em percursos guiados, por utilizadores em contexto formal/institucional. A seguir, apresentamos algumas orientações para a sua utilização em cada uma destas modalidades.

#### 4.3.1 Como módulos digitais de autoformação

Estes módulos digitais podem ser utilizados em diversos contextos: (1) num contexto de autoaprendizagem, quer na formação inicial de professores, como recurso de apoio à formação, quer na formação de professores em serviço, numa perspetiva de desenvolvimento profissional; (2) na formação de professores em contexto de pós-graduação; ou (3), simplesmente, por utilizadores independentes que queiram aprender mais sobre esta temática.

Na formação inicial de professores, é extremamente importante reforçar o desenvolvimento da autonomia. Esta temática pode ser abordada em diferentes unidades curriculares, principalmente em cursos online, e estes módulos digitais podem tornar-se num desses

cursos. Ainda, importa considerar, no contexto da transição do ensino secundário para o superior, e com a crescente digitalização das práticas de ensino e aprendizagem, que as literacias digitais são importantes para o sucesso académico. Por exemplo, os estudantes em formação inicial precisam de desenvolver competências digitais para: i) navegar através de diferentes plataformas de ensino e aprendizagem, como o Moodle, EAD Box, MOOC; ii) utilizar recursos como Padlets, Fóruns, Chats, etc.; iii) criar recursos como vídeos, áudios, textos multimodais, livros digitais, podcasts. Em qualquer uma destas situações, os estudantes podem aprender de forma autónoma e livre ou seguindo orientações semi-guiadas, de acordo com as suas necessidades e ritmos de aprendizagem, com momentos de reflexão acompanhados pelos formadores. O exercício do pensamento crítico é bastante relevante para levar a pensar sobre as FN, ou para criar argumentos de modo a enfrentar notícias falaciosas. Os estudantes não precisam de estar em ambiente académico para desenvolver estes conhecimentos e capacidades, podendo estar em casa ou em qualquer outro lugar.





## OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Na formação de professores em serviço, a articulação entre teoria e prática é suscetível de ser explorada através da partilha de exemplos fornecidos por outros professores. Desenvolver atitudes de resiliência para lidar com as FN é importante hoje em dia, sendo crucial integrar módulos que apresentem estratégias que capacitem os formandos para identificar/desmascarar as FN na formação avançada, formação especializada e cursos livres. Precisamente por, nesta situação, o público-alvo dos módulos digitais ser constituído por professores, profissionais no ativo, que têm horários de trabalho restritivos, é fundamental que tenham a possibilidade de atualizar os seus conhecimentos nos momentos em que lhes seja possível. No entanto, isto não significa que não tenham orientações temporais em cada módulo, de acordo com os próprios critérios do formador. Cada módulo pode ter tarefas diferentes e, cada tarefa, instruções específicas, relacionadas com prazos de conclusão, com conteúdos e com recursos a serem utilizados pelos professores. Estas tarefas podem ser implementadas com os próprios alunos destes professores em pequenos projetos, por exemplo. O formador, de acordo com as instruções, pode acompanhar o progresso dos formandos em cada tarefa e pode dar sugestões com vista à sua melhoria.

Em suma, independentemente das modalidades de formação - formação inicial de professores, formação de professores em serviço, formação autónoma ou mesmo formação em contexto de pós-graduação -, o curso é dividido em partes e cada parte tem objetivos e tarefas diferentes. Além disso, o utilizador pode escolher atividades específicas dos dois módulos digitais, combinando-as de acordo com os seus interesses, no que se poderia chamar “módulo digital à la carte”, que seria mais orientado para as necessidades individuais de cada utilizador. É desejável existir um equilíbrio no número de tarefas a realizar em cada módulo, bem como entre teoria e prática. Ao longo do curso, os formandos podem escrever reflexões num Fórum do curso ou num Padlet, podendo ainda submeter as tarefas que completaram. Desta forma, todos os participantes podem ver o trabalho realizado uns pelos outros, refletindo sobre as próprias práticas e sobre as dos restantes, criando-se espaços de heterorreflexão potencialmente estimulantes. O acompanhamento ao longo do curso pode ser feito de diferentes maneiras, dependendo dos objetivos. O formador pode intervir se solicitado pelos formandos, ou porque verifica a necessidade da sua intervenção. Outra possibilidade é atribuir um amigo crítico (pode ser um colega) a cada participante, a fim de ajudar e apoiar o processo de desenvolvimento profissional. Esta modalidade pode ser certificada, tal como qualquer outro curso desenvolvido numa sala de aula na presença de um professor.

### 4.3.2 Como parte de um programa de formação de professores

Em relação aos programas de formação de professores, sugerimos três cenários educativos em que os módulos digitais podem ser implementados:

- Formação inicial de professores
- Formação de professores em serviço
- Formação de professores em contexto de pós-graduação



# OS MÓDULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

## Formação inicial de professores

Na formação inicial de professores, a nível de licenciatura e a nível de mestrado profissionalizante (1.º e 2.º ciclos de Bolonha), os dois módulos digitais podem ser integrados nos currículos de diferentes disciplinas (teórico-práticas e práticas), com o objetivo de desenvolver competências relacionadas com: conhecimentos relativos à compreensão e à discussão de conceitos associados às FN; competências de comunicação, de linguagem e de literacias (nomeadamente digital); conhecimentos aplicados, a fim de promover a capacidade de leitura da realidade social e das problemáticas relacionadas com as FN; habilidades de avaliação e de análise crítica do discurso. O trabalho em torno do desenvolvimento destas competências pode integrar-se em disciplinas do currículo de programas de formação inicial de professores tais como: didática de línguas, sociologia da educação, psicologia da educação, cidadania e intervenção educativa, tecnologias educativas, criatividade e expressões e, também, em componentes de iniciação à prática profissional, através da conceção e implementação de projetos pedagógico-didáticos que integrem as FN como recursos didáticos.

Neste contexto de programas de formação inicial, os dois módulos digitais podem também contribuir para o desenvolvimento de competências transversais, através da sua implementação em contextos de formação que envolvam diferentes áreas curriculares, possibilitando a constituição e o desenvolvimento de micro-créditos em diferentes contextos de educação formal e não formal - escolas, centros de estudo, bibliotecas, centros de ciência viva, museus, etc.

## Formação de professores em serviço

A formação de professores em serviço pode assumir diferentes formatos, de acordo com os objetivos e expectativas dos formandos, e pode ser configurada em:

- **cursos de formação**  especificamente dirigidos a professores que trabalhem em áreas diretamente ligadas à temática em questão (línguas, cidadania, tecnologias, história); estes cursos são planificados, estruturados e organizados em diferentes partes, geralmente compreendendo uma componente teórica e uma teórico-prática. A parte teórica pode englobar o tratamento dos conceitos associados às FN e a componente teórico-prática, a possibilidade da sua aplicação em projetos pedagógicos. Uma abordagem metodológica das FN, em contexto de formação de professores em serviço, poderá incidir sobre o desenvolvimento de projetos de investigação-ação, concebidos individualmente ou em colaboração, inseridos curricular e localmente, e a serem desenvolvidos com estudantes ou com diferentes atores educativos. Estes cursos de formação pressupõem a avaliação do desenvolvimento profissional e poderão ser acreditados e certificados, com impacto direto na progressão de carreira dos professores;
- **programas de formação de professores**  de curta duração, principalmente focados na sensibilização para o fenómeno das FN, dirigidos, transversalmente, a professores de todas as áreas e a todos os elementos da comunidade escolar; esta formação poderá ser igualmente acreditada quando inserida em cursos de formação;

- **projetos pedagógicos**, a serem desenvolvidos nas escolas, integrados em ações de formação contínua, envolvendo diferentes atores educativos e numa lógica de investigação-ação e investigação participativa. Esses projetos podem ser desenvolvidos junto a e em grupos de diferentes dimensões e características, abrangendo estudantes, professores (de diferentes anos, disciplinas escolares e áreas curriculares) ou mesmo toda a comunidade escolar.

### Formação de professores em contexto de pós-graduação

A formação de professores em contexto de pós-graduação, tanto a nível de mestrado (integrando uma componente de investigação) como de doutoramento, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, é um cenário relevante para a utilização dos módulos digitais. No caso dos mestrados profissionalizantes, destinados à formação inicial de professores, para além da sua utilização em unidades curriculares específicas, como acima referido, os módulos digitais podem ser integrados, com adaptações, nos projetos de investigação-ação (projetos de estágio pedagógico, por exemplo) dos estudantes (futuros professores/professores em formação inicial).

Nesta perspetiva, inúmeros projetos de investigação educativa são adequados para a utilização destes módulos digitais, especialmente aqueles em que se pretende compreender como promover a literacia digital de professores e estudantes, permitindo, assim, a articulação entre formação e investigação. Cumulativamente, estes projetos de investigação são também metodologicamente enquadrados por abordagens participativas e de investigação-ação.

Finalmente, a formação de professores em contexto de pós-graduação inclui cursos de especialização que não conferem grau académico. Neste caso, componentes de natureza teórico-prática podem ser desenvolvidas em algumas unidades curriculares, sobretudo se forem conducentes ao desenvolvimento de projetos pedagógicos.



A mensagem, hoje, parece ser: “a pandemia de SARS-CoV-2 desapareceu, mas as FN permanecem”. Isto leva-nos ao reconhecimento da necessidade de construir recursos pedagógicos que não se esgotam na sua temporalidade, mas que podem ser vistos e revistos à luz de novas pandemias, eventos, ou acontecimentos imprevistos. Por outras palavras, recursos que são transversais a várias questões, que resistem à passagem do tempo, à emergência de novas circunstâncias históricas e ao surgimento de novas tecnologias e ambientes digitais com potencial para criar FN ainda mais realistas (tais como Chatbots e Chat GPT). O que parece ficar não é tanto a pandemia provocada pela COVID-19, mas a natureza perene de dois problemas que, tendo-se cruzado no passado, estarão certamente presentes no futuro: a circulação e consumo de FN e o facto de migrantes e minorias serem os alvos preferidos desses discursos. Com base no reconhecimento desta questão, a equipa CoMMITTEd considera que é essencial desenvolver competências transversais (como as enumeradas nos quadros 1 e 2) para combater as FN, junto de professores e estudantes, bem como conceber programas de formação de professores (iniciais e em serviço) que as incluam nos seus conteúdos.

A mensagem que procuramos transmitir neste livro digital é bastante simples: embora não haja nada de particularmente novo no fenómeno das FN, hoje em dia, dada a exposição sem precedentes de todos os membros da sociedade às tecnologias digitais e às redes sociais, é da maior importância tratar este problema com seriedade, sobretudo nas escolas. Isto é especialmente verdade para a nova geração - as crianças das escolas, que tendem a receber a maior parte da sua informação das redes sociais, através de publicações aleatórias ou através das várias celebridades e influenciadores que seguem.

Por conseguinte, este livro digital não só identifica o problema como também descreve e oferece algumas ferramentas prontas a usar que, esperamos, sejam úteis para aqueles que já ensinam literacia digital ou alguns tópicos relacionados com ela - ou que estão interessados em introduzi-los no seu currículo ou em atividades extracurriculares. Estas ferramentas são: 1. uma visão global da situação atual no domínio das FN, em particular, e dos estudos de literacia digital e dos média, em geral, assim como da importância destes estudos para um público alargado; 2. uma descrição detalhada do projeto CoMMITTEd; 3. uma descrição do Observatório multilingue de FN, em que estas estão relacionadas com o tema da COVID-19 e dos migrantes e se apresentam e analisam em cinco línguas (secção 3) com sugestões de utilização; e 4. uma descrição de dois módulos digitais de formação de professores, bem como de um outro introdutório e transversal, também acompanhada de sugestões de utilização (secção 4).

Para além destas utilizações evidentes que discutimos acima, com este livro digital, que encerra os resultados do projeto CoMMITTEd, esperamos contribuir para três questões cruciais da pedagogia contemporânea:

- preparar os professores para trabalharem eficientemente num ambiente online, sem perder a qualidade do ensino;
- desenvolver novos contextos para o ensino e para a aprendizagem, bem como para a formação de professores (seja em autonomia ou integrados em programas organizados);
- servir os profissionais da educação que procuram o desenvolvimento das suas competências e novos materiais didáticos para atualizar os existentes.



O projeto CoMMITTEd chamou particularmente a atenção para os mecanismos por detrás da geração de FN e da sua circulação, utilizando o exemplo da recente pandemia, causada pela COVID-19, e o papel que aos migrantes e minorias foi atribuído como alguns dos principais protagonistas de FN. Esperamos que os mecanismos que desvendámos para a criação de bodes expiatórios (migrantes e minorias) nas FN, bem como os recursos criados, aumentem a consciência do nosso público-alvo sobre estas questões e que os recursos criados possam ser úteis noutros contextos. A informação que apresentamos neste livro digital está longe de ser exhaustiva, mas contribuímos para o desenvolvimento da consciencialização dos mecanismos de alterização (otherization) de grupos vulneráveis, que são utilizados com poder pseudo-explanatório em tempos de crise. Mesmo que a pandemia provocada pela COVID-19 desapareça, o projeto CoMMITTEd e os seus produtos representam um alerta para os desafios que se apresentam e servem de memória futura, permitindo-nos aprender com o passado para construir sociedades mais justas e igualitárias, menos tendenciosas em relação ao Outro. Ter consciência da proliferação de FN sobre migrantes e minorias durante a pandemia provocada pela COVID-19 prepara-nos para lidar com outras FN, sobre os mesmos grupos, durante possíveis tempos conturbados num futuro mais, ou menos próximo.



- Ang, B., Anwar, N., & Jayakumar, S. (2021). Disinformation & FakeNews: Meanings, Present, Future. In S. Jayakumar, B. Ang & N. Anwar (Eds.), *Disinformation and Fake News* (3-20). Palgrave Macmillan.
- Belshaw, D. (2016). Digital literacies have a civic element. Blogpost. *Literacies*, 8 Nov 2016. <http://literaci.es/civic-element-digilit>
- Bozdağ, Ç., Neag, A., & Leurs, K. (2022). Editorial: Inclusive Media Literacy Education for Diverse Societies. *Media and Communication*, 10(4), <https://doi.org/10.17645/mac.v10i4.6625>.
- Breeze, R. (2021). Claiming credibility in online comments: Popular debate surrounding the COVID-19 vaccine. *Publications*, 9(3), 34. <https://doi.org/10.3390/publications9030034>
- Breeze, R. & Gintsburg, S. (forthcoming). Exploiting the crisis: populists, migration, minorities and Covid-19. In N. Thielemann & D. Weiss (Eds.), *Remedies against the pandemic: How politicians communicate crisis management*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Byram, M. (1997). *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Multilingual Matters.
- Center for News Literacy. (2016). What is news literacy? <https://www.centerfornewsliteracy.org/what-is-news-literacy>.
- Cope & Kalantzys (2009). Multiliteracies: New Literacies, New Learning. *Pedagogies: An International Journal*, 4, 164-195
- Dogrueel, L., Masur, Ph., & Joeckel, S. (2021a). Development and Validation of an Algorithm Literacy Scale for Internet Users. *Communication Methods and Measures*, 16(2), 115-133. <https://doi.org/10.1080/19312458.2021.1968361>
- Dogrueel, L. (2021b). What is Algorithm Literacy? A Conceptualization and Challenges Regarding its Empirical Measurement. In M. Taddicken, & C. Schumann (Eds.), *Algorithms and Communication* (67-93). Berlin <https://doi.org/10.48541/dcr.v9.3>
- European Commission (2022a). *Final report of the Commission expert group on tackling disinformation and promoting digital literacy through education and training*. URL <https://data.europa.eu/doi/10.2766/283100>.
- European Commission (2022b). *Guidelines for teachers and educators on tackling disinformation and promoting digital literacy through education and training*. URL <https://data.europa.eu/doi/10.2766/28248>.
- European Commission (2019). Key competences for lifelong learning. URL <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/297a33c8-a1f3-11e9-9d01-01aa75ed71a1>
- Herman, E. S., & Chomsky, N. (1988). *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Pantheon Books.
- Holmes W., Bialik M., & Fadel C. (2019). *Artificial intelligence in education: promises and implications for teaching and learning*. Center for Curriculum Redesign, available at <https://drive.google.com/file/d/1lmzlbhKvYyRB6J0USCndqXitmVgsfTbl/view>
- Holmes, W., Persson, J., Chounta, I.-A., Wasson, B., & Dimitrova, V. (2022). *Artificial Intelligence and Education: A critical view through the lens of human rights, democracy and the rule of law*. Council of Europe Publishing.

- Jayakumar, S., Ang, B., & Anwar, N. (Eds.) (2021). *Disinformation and Fake News*. Palgrave Macmillan.
- Khaldarova, I., & Pantti, M. (2016). Fake News. *Journalism Practice*, 10(7), 891-901, DOI: <https://doi.org/10.1080/17512786.2016.1163237>
- Koltay, T. (2017). Data literacy for researchers and data librarians. *Journal of Librarianship and Information Science*, 49(1) 3-14.
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (2021, 3rd edition). *Reading Images. The Grammar of Visual Design*. Routledge.
- Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. Harcourt, Brace & Co.
- Marwick, A., & Lewis, R. (2017). *Media manipulation and disinformation online*. Data & Society Research Institute.
- Melo-Pfeifer, S., & Dedecek Gertz, H. (2022). Transforming Disinformation on Minorities Into a Pedagogical Resource: Towards a Critical Intercultural News Literacy. *Media and Communication*, 10(4). DOI: <https://doi.org/10.17645/mac.v10i4.5708>.
- Musolff, A., Breeze, R., Kondo, K., & Vilar-Lluch, S. (Eds.) (2022). *Pandemic and Crisis Discourse. Communicating COVID-19 and Public Health Strategy*. Bloomsbury.
- New London Group (1996). A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. *Harvard Educational Review*, 66, 60-92.
- Parker, L. (Ed.) (forthcoming). *Education in the age of misinformation*. Palgrave Macmillan.
- Piccardo et al (Eds.) (2022). *The Routledge Handbook of Plurilingual Language Education*. Routledge.
- Sádaba, C., & Salaverría, R. (2023). Combatir la desinformación con la alfabetización mediática: análisis de las tendencias en la Unión Europea. *Revista Latina de Comunicación Social*.
- Schwarzenegger, C., & Wagner, A. (2018). Can it be hate if it is fun? Discursive ensembles of hatred and laughter in extreme right satire on Facebook. *Studies in Communication and Media*, 7(4), 473-498. <https://doi.org/10.5771/2192-4007-2018-4-473>.
- Tully, M. (2021). News literacy and misinformation. In H. Tumber & S. Waisbord (Eds.), *The Routledge companion to media disinformation and populism* (480-488). Routledge.
- Trültzsch-Wijnen, C. W. (2020). *Media literacy and the effect of socialization*. Springer.
- Tumber, H. & Waisbord, S. (Eds.) (2021). *The Routledge companion to media disinformation and populism*. Routledge.
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking* (Vol. 27, 1-107). Strasbourg: Council of Europe.
- Wodak, R. (2021, 2nd edition). *The politics of fear: The shameless normalization of far-right discourse*. SAGE.

**Se não encontrar o que procura, sugerimos que consulte os seguintes glossários:**

- Fake News (e como combatê-las): Glossário: <https://libraryguides.mdc.edu/FakeNews/Glossary>
- Lidar com propaganda, desinformação e notícias falsas: <https://www.coe.int/en/web/campaign-free-to-speak-safe-to-learn/dealing-with-propaganda-misinformation-and-fake-news>
- Glossário de notícias falsas: Top 10 palavras para saber: <https://www.bbc.co.uk/bitesize/articles/zf89vwx>

#### **ACORDAR / DESPERTAR / WOKERY:**

Atitudes de pessoas que demonstram uma reação excessivamente sensível a questões sociais e políticas. O “despertar” está normalmente associado a movimentos extremistas liberais e a movimentos políticos de extrema esquerda.

#### **AGNOTOLOGIA:**

Área de investigação que analisa como a estratégia de incutir deliberadamente dúvidas e/ou ignorância é normalmente utilizada por políticos e empresas com o objetivo de aumentar os seus lucros.

#### **ALTERIZAÇÃO / OTHERING / OTHERISATION:**

Atitudes manipuladoras em relação ao outro ou aos outros. Fazer com que determinados indivíduos ou grupos de indivíduos pareçam diferentes de uma forma negativa, criando uma diferenciação, por vezes exacerbada, entre um “eles” e um “nós”. Estratégias de Othering são frequentemente utilizadas com o objetivo de transformar grupos minoritários em bodes expiatórios.

#### **ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO CRÍTICO (ACD):**

Um ramo da análise do discurso enraizado nos conceitos de poder e de desequilíbrio de poder. Em geral, a ACD assume que o poder é um elemento chave de todo e qualquer ato de socialização. O poder de reprodução institucional é especialmente central para a ACD. O objetivo da ACD é analisar e interpretar relações estruturais opacas e transparentes de dominância, discriminação, estigmatização e estereotipização através do poder e do controlo ostensivos e encobertos, tal como manifestados na e através da linguagem.

#### **ANÁLISE MULTIMODAL:**

A análise do discurso multimodal designa uma série de abordagens ao estudo da interação social e do significado como multimodal, ou seja, produzido com e através de múltiplos modos.

**ASTROTURFING:**

A tentativa de criar uma impressão de apoio popular generalizado a uma política, indivíduo, ou produto, apesar desse apoio pouco existir. Múltiplas identidades online e falsos grupos de pressão são utilizados para induzir o público em erro, levando-o a acreditar que a posição do astroturfer é o ponto de vista comum.

**CLICKBAIT:**

Conteúdo clicável da Internet, como manchetes e imagens, que levam o leitor a outro sítio web (por vezes, vários sítios web). O conteúdo Clickbait é tipicamente enganador, uma vez que visa apenas captar a atenção do leitor.

**CONSCIÊNCIA CULTURAL CRÍTICA:**

A consciência cultural crítica significa ser sensível às diferenças e semelhanças entre duas ou mais culturas, ao comunicar ou interagir com membros de outros grupos culturais. A consciência cultural implica inculcar valores, atitudes e conhecimentos que demonstrem abertura e respeito por diferentes culturas, religiões, línguas, modos de vestir e estilos de comunicação. A consciência cultural crítica é frequentemente utilizada de forma intercambiável com outros termos, tais como “segurança cultural” e “competência cultural”. Mais uma vez, como somos advertidos por teóricos de diferentes campos (ver Rampton, 2016), a consciência cultural crítica não deve cair em celebrações do “vale tudo” e do “hibridismo permanente e abrangente”.

**EDUCAÇÃO INTERCULTURAL:**

Os sistemas educativos de todo o mundo têm como objetivo proporcionar aos aprendentes, durante a sua educação escolar, competências linguísticas e interculturais que lhes permitam agir como cidadãos, adquirir conhecimentos e desenvolver atitudes abertas à alteridade: esta visão, quando aplicada ao ensino de línguas e culturas, é referida como educação intercultural, mas não se limitando àquele ensino.

**ENVIESAMENTO:**

Julgamento distorcido a favor ou contra determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, fenómenos, etc.

**ESTEREÓTIPO:**

Uma ação ou uma mensagem que é um subproduto do ato de conformidade com um padrão fixo ou geral. Este substantivo refere-se especialmente a uma imagem mental muitas vezes demasiado simplificada ou tendenciosa que caracteriza um indivíduo como tendo as características típicas, frequentemente negativas, do grupo a que esse indivíduo pertence.



## GLOSSÁRIO

### **ESTIGMA:**

O estigma é um atributo que veicula estereótipos desvalorizadores. Na sequência da elaboração precoce do conceito por Erving Goffman (1969), a investigação psicológica e social psicológica considerou a forma como o estigma funciona a nível micro, restringindo o bem-estar dos indivíduos estigmatizados. Mais recentemente, os sociólogos consideraram as dimensões do estigma a nível macro, iluminando as suas causas estruturais, consequências a nível populacional, e respostas coletivas.

### **FAKE NEWS:**

Notícias que são inventadas e/ou manipuladas para se assemelharem a um jornalismo credível e atraírem a máxima atenção e, com elas, receitas publicitárias. A definição é frequentemente alargada para incluir websites que fazem circular informação distorcida, descontextualizada ou duvidosa através - por exemplo - de manchetes de clickbaiting que não refletem os factos da história, ou que provocam preconceitos.

### **GASLIGHTING:**

Uma técnica elaborada e insidiosa de engano e manipulação psicológica, normalmente praticada por um único enganador, ou “isqueiro de gás”, sobre uma única vítima durante um período prolongado. O seu efeito é minar gradualmente a confiança da vítima na [sua] própria capacidade de distinguir o verdadeiro do falso, o certo do errado, ou a realidade da aparência, tornando assim a [sua] dependência patológica do “isqueiro de gás” no seu pensamento ou sentimentos. Este termo deriva do título de uma peça de teatro britânica de 1938, Gas Light, que foi posteriormente produzida como filme, Gaslight, no Reino Unido (1940) e nos Estados Unidos (1944).

### **MEME:**

Uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de uma pessoa para outra numa cultura; uma imagem divertida ou interessante, vídeo, etc., que é amplamente difundida através da Internet.

### **MULTIMODALIDADE:**

Multimodalidade é o recurso a múltiplos modos (recursos semióticos de diferentes naturezas) dentro de uma mesma mensagem. Por exemplo, a compreensão de uma previsão meteorológica televisiva envolve a compreensão da língua falada, da escrita, de linguagem específica do tempo e da geografia, e de símbolos.

### **PÓS-VERDADE:**

Este termo designa circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a factos.

### **PRECONCEITO:**

Atitude negativa preconcebida em relação a um grupo particular de pessoas, fenómenos, etc. O preconceito está geralmente associado a antipatia e desconfiança não fundamentadas.



## GLOSSÁRIO

### **SHAREBAIT:**

Conteúdo do website que existe apenas para ser partilhado, destinado a gerar receitas publicitárias, especialmente à custa da qualidade ou precisão.

### **TEORIA DA CONSPIRAÇÃO:**

Uma teoria que explica um evento como sendo o resultado de uma conspiração de um grupo confidencial ou de uma organização secreta. Uma crença de que um determinado evento inexplicável foi causado por um tal grupo. A ideia de que muitos eventos políticos importantes ou tendências económicas e sociais são o produto de parcerias secretas que são largamente desconhecidas do público em geral.

### **YELLOW JOURNALISM:**

Um termo utilizado nos Estados Unidos para a utilização de métodos sensacionalistas ou pouco escrupulosos de baixo custo nos jornais, etc., para atrair ou influenciar os leitores.



Project 2020-1-DE01-KA226-HE-005742